

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) RONAN GONÇALVES PERES

PRATICANDO GUERRA HÍBRIDA:

a participação da Rússia no conflito na Síria (2012–2018).

Rio de Janeiro

2023

CC (FN) RONAN GONÇALVES PERES

PRATICANDO GUERRA HÍBRIDA:

a participação da Rússia no conflito na Síria (2012–2018).

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (FN) Rodrigo Pinto Mafra de Oliveira

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2023

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente presto minha gratidão a Deus, por sua misericórdia e piedade, por ter me dado saúde e força para superar as adversidades e por iluminar meus caminhos.

À minha amada esposa, Ana Carolina, pela nossa família, pelo amor diário, pelos inúmeros momentos de sacrifício, pelo companheirismo e por todos os sonhos que vivemos e que ainda viveremos juntos.

Ao meu filho, Pedro Henrique, por ser a alegria da minha alma, meu maior incentivo, meu amigo, a mais verdadeira expressão do amor e minha diuturna motivação para lutar.

Aos meus pais, Eduardo Peres e Marilda Gonçalves, por tudo que fazem por mim, por todo amor, por serem meus heróis, e por me oferecerem uma base sólida, pois foi a partir dela que consegui trilhar meu caminho e os meus objetivos.

Ao Brasil, pela honra de entregar-lhe minha própria vida.

Aos meus parentes e amigos, por todos os momentos que estivemos juntos e pelas contribuições à formação da pessoa que me tornei.

Aos meus amigos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores do ano de 2023, agradeço de forma especial a todos da turma Almirante Sylvio de Noronha mais uma vez reunidos com o mesmo propósito.

Ao meu orientador, CF (FN) Rodrigo Pinto Mafra de Oliveira, por todo empenho e dedicação em me prover tão valiosas contribuições ao longo da elaboração do presente trabalho.

Ao CMG (FN) Pragana pela ajuda e apoio dispensados a mim por ocasião da fase de pesquisa, o que permitiu a conclusão desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

O propósito do presente trabalho é confrontar, por meio de um desenho de pesquisa de comparação entre teoria e realidade, a teoria da guerra híbrida à participação da Rússia no conflito da Síria, na moldura temporal entre os anos de 2012 e 2018. Para isso, foram estudados diversos conceitos elaborados por renomados autores, tanto ocidentais quanto russos, a fim de compreender a teoria da guerra híbrida e capacitar o leitor a identificar um cenário envolto a ações híbridas por diferentes atores que não apenas os principais Estados envolvidos diretamente em um conflito. A análise do conflito sírio focou na compreensão da conjuntura da guerra civil estabelecida naquele país e na colaboração russa ao governo de Bashar Al-Saad, buscando entender como a Rússia, empregando uma estratégia ampla em diversos espectros do conflito, potencializou suas forças e alcançou seus fins. Neste trabalho, destacamos as campanhas militar, informacional e diplomática russa, mesclando diferentes ações, militares e não militares, que dificultaram a tomada de decisão pelos adversários. Priorizando o método comparativo a fim de contrapor teoria e realidade, notadamente fundamentado em pesquisa bibliográfica, confrontamos os conceitos teóricos estudados com as ações russas no conflito sírio e concluímos que elas aderem à teoria da guerra híbrida. Salientamos, ainda, o entendimento que o conflito na Síria já caracterizava um cenário de guerra híbrida imposto por outros atores externos que possuíam interesses na queda do governo e mudança no regime político do país. Sugerimos, por isso, consolidar linhas de pesquisas estratégicas, com ênfase nesse tema, a fim de ampliar, sobremaneira, a consciência sobre contendas atuais, identificar possíveis ações de guerra híbrida empregadas contra a soberania do Brasil e a compreensão acerca de eventos futuros.

**Palavras-chave:** Rússia. Síria. Guerra Híbrida. Ações Militares e Não Militares.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Os cinco anéis de Warden .....	51
Figura 2 – Revoluções Coloridas .....	52
Figura 3 – Base Aérea de Hmeimim .....	53
Figura 4 – Base Aérea de Hmeimim, foto ampliada .....	53
Figura 5 – Porto de Tartus .....	54
Figura 6 – Base Naval no Porto de Tartus .....	54

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CSNU -	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CRI -	Capacidades Relacionadas à Informação
EI -	Estado Islâmico
EUA -	Estados Unidos da América
Ex-URSS -	Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ONG -	Organização Não-Governamental
ONU -	Organização das Nações Unidas
PMC -	<i>Private Military Company</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA</b> .....	<b>10</b>
2.1	AS GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO .....	11
2.2	TEORIA DOS CINCO ANÉIS .....	13
2.3	GUERRA NÃO CONVENCIONAL .....	15
2.4	REVOLUÇÕES COLORIDAS, GUERRA NEOCORTICAL REVERSA E GUERRA CENTRADA EM REDE SOCIAL .....	17
2.5	TEORIA DO CAOS .....	19
2.6	DOMINAÇÃO DO ESPECTRO TOTAL .....	21
2.7	GUERRA POR PROCURAÇÃO .....	21
2.8	GUERRA HÍBRIDA .....	23
<b>3</b>	<b>SÍRIA (2012-2018) E A PARTICIPAÇÃO RUSSA</b> .....	<b>25</b>
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA .....	25
3.2	A ESCALADA DA CRISE E A GUERRA CIVIL NA SÍRIA .....	27
3.3	A PARTICIPAÇÃO RUSSA NO CONFLITO .....	29
3.3.1	A CAMPANHA MILITAR RUSSA .....	30
3.3.2	A CAMPANHA INFORMACIONAL RUSSA .....	32
3.3.3	A CAMPANHA DIPLOMÁTICA RUSSA .....	34
3.4	CONCLUSÕES PARCIAIS .....	36
<b>4</b>	<b>CONFRONTO TEORIA X REALIDADE</b> .....	<b>37</b>
4.1	UMA SÍRIA CAÓTICA .....	37
4.2	EMPREGANDO A GUERRA POR PROCURAÇÃO .....	38
4.3	UMA GUERRA NÃO CONVENCIONAL E DE QUARTA GERAÇÃO .....	39
4.4	EM BUSCA DA DOMINAÇÃO DO ESPECTRO TOTAL .....	40
4.5	PRATICANDO A GUERRA HÍBRIDA .....	41
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>47</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O alvorecer do século XX foi marcado por uma grande guerra mundial e, na sequência, por outra de vulto ainda maior<sup>1</sup>. Esses conflitos envolveram diversos países como atores principais e muitos outros como coadjuvantes, promovendo a queda e a ascensão de grandes potências. Outrossim, esse segundo ato marcou mudanças nas ações e nos meios da guerra, evoluindo de fixas posições em trincheira para dinâmicas manobras, empregando carros de combate e aviação, desembarques de tropas e o advento da bomba nuclear.

Os diversos conflitos que se seguiram fizeram parte da disputa pela hegemonia geopolítica por Estados Unidos da América (EUA) e ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) até o início da década de 1990, conhecida como Guerra Fria<sup>2</sup> (1947-1990). A despeito desses conflitos, outros países lutaram sob a influência das duas potências bélicas supracitadas, ademais, evitando um embate direto, que, se deflagrado, provavelmente levaria ao uso de armamentos nucleares por ambas as partes.

Por conseguinte, com o avanço da globalização, das comunicações e das redes sociais, atores não estatais também passaram a confrontar a soberania dos Estados, tornando-se influentes no tabuleiro do sistema internacional. Assim, na era da informação<sup>3</sup>, os conflitos assumem proporções distintas das do passado.

Nesse cenário, nasce uma nova teoria que engloba diversos conceitos de como influenciar e minar a governança de um Estado, a teoria da guerra híbrida. Os métodos preconizados pela guerra híbrida envolvem, entre outras, a associação de forças convencionais, forças irregulares, ações de informação, ações políticas e diplomáticas na busca em alcançar os objetivos políticos, estratégicos e operacionais.

Ressaltamos, pois, que a recorrência a menções feitas por diversas publicações à guerra híbrida empregada pela Rússia em conflitos contemporâneos justifica a relevância deste estudo que, para isso, destaca o envolvimento russo em diversos espectros no conflito

---

<sup>1</sup> A Primeira Guerra Mundial ocorreu de 1914 a 1918 e a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945.

<sup>2</sup> Era das relações internacionais entre o final da Segunda Guerra Mundial e 1990, caracterizada pela rivalidade ideológica, econômica, política e militar entre a União Soviética e os Estados Unidos (MINGST; ARREGUÍN-TOFT, 2014, p. 479).

<sup>3</sup> A era da informação é um período histórico que começou em meados do século XX. É caracterizada por uma rápida mudança das indústrias tradicionais, estabelecidas durante a Revolução Industrial, para uma economia centrada na tecnologia da informação (CASTELLS, 1996)

da Síria na década de 2010.

Isto posto, temos por objetivo analisar o emprego em amplo espectro de técnicas militares e não-militares, convencionais e não-convencionais, por parte da Rússia no conflito na Síria, no período entre 2012 e 2018, por meio de um desenho de pesquisa de comparação entre teoria e realidade, fundamentado em pesquisa bibliográfica.

O propósito, portanto, é responder à questão principal da pesquisa: a atuação da Rússia em diversos espectros no conflito na Síria teve aderência a teoria da guerra híbrida?

Almejamos, além disso, produzir resposta à seguinte pergunta complementar, a fim de auxiliar o entendimento da questão central: o conflito na Síria fazia parte de um cenário envolto às ações de guerra híbrida por parte de mais atores externos além da Rússia?

O trabalho, a propósito, será organizado e apresentado em cinco capítulos. Após a presente introdução, o segundo capítulo destacará a fundamentação teórica, com ênfase nos principais conceitos que envolvem guerra híbrida selecionados por este autor.

O terceiro capítulo, por conseguinte, apresentará recorte significativo da história da Síria, realçando os fatos relevantes ao surgimento da guerra civil, e ressaltará os principais acontecimentos referentes ao conflito, com a devida relevância à atuação da Rússia no mesmo.

Por sua vez, o quarto capítulo identificará os principais tópicos da atuação da Rússia durante o conflito na Síria, dedicando-se, ainda, a contrastá-los com a teoria da guerra híbrida.

Finalmente, o quinto e último capítulo fará considerações finais, fundamentadas em evidências e em resultados obtidos, considerações e explicações acerca da questão central.

Assim, seguimos ao próximo ato a fim de compreendermos os conhecimentos fundamentais para, mais adiante, analisarmos a aderência ou não do argumento proposto frente ao fato histórico selecionado.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA

As ameaças contemporâneas à soberania de um Estado estão cada vez mais diversificadas. Entre outras, englobam intimidações como a guerra cibernética, o terrorismo<sup>4</sup>, os acessos ilegais aos conhecimentos de países e de empresas, a pirataria, as questões ambientais e a disputa por recursos naturais (BRASIL, 2020a).

Somado a isto, está o fato de que os Estados deixaram de ser atores únicos no sistema internacional, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, partilhando força com outros personagens, como as organizações internacionais, as organizações não-governamentais<sup>5</sup>, entidades subnacionais como burocracias e governos locais e indivíduos (MINGST; ARREGUÍN-TOFT, 2014).

Essas mudanças, com a participação de mais atores, também podem ser observadas nos conflitos modernos, mesmo em uma ordem mundial militar e econômica hegemônica dos EUA a partir do fim da Guerra Fria, em 1990 (VISACRO, 2018).

Sobre as guerras modernas, Visacro (2018) nos explica que são aquelas realizadas na era da informação e travadas por meio de ações simultâneas de naturezas distintas, não necessariamente militares, e possuem significativa variação do nível de intensidade do uso da força com outros métodos modernos de fazer guerra.

Para Frank Hoffman (2007), essa nova era de conflitos modernos iniciou com os ataques terroristas às embaixadas norte-americanas do Kenya e da Tanzânia (1998), e, somado a estes, os atentados de 11 de setembro de 2001. Esse *modus operandi*<sup>6</sup> das organizações terroristas representou uma nova forma de se alcançar interesses políticos, sem o uso de uma força militar convencional.

Logo, entendemos que há uma diversidade de atores influentes e capazes de interferir na estabilidade estatal, uma vez que a gama de armas, bélicas ou não, está cada vez mais a disposição.

---

<sup>4</sup> Uso da violência política organizada por atores não estatais contra não combatentes, a fim de provocar o medo como meio de alcançar determinado objetivo político ou religioso; uma modalidade de guerra assimétrica (MINGST; ARREGUÍN-TOFT, 2014, p. 486).

<sup>5</sup> Associações privadas de indivíduos ou grupos que se dedicam a atividades políticas, econômicas ou sociais – normalmente ultrapassando fronteiras nacionais (MINGST; ARREGUÍN-TOFT, 2014, p. 483).

<sup>6</sup> Maneira através da qual uma pessoa ou uma associação, empresa, organização ou sociedade, trabalha ou realiza suas ações (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2023a).

Isto posto, o presente capítulo visa abordar a fundamentação teórica deste trabalho, apresentando as bases que contribuem para a construção do entendimento de guerra híbrida em um mundo globalizado, moderno e integrado. Cabe aqui mencionar que foram selecionados os principais conceitos utilizados por diversos autores, ocidentais e russos, sobre o tema, sem a pretensão de esgotar todo o assunto, devido a sua extensão teórica e a falta de um entendimento uníssono entre eles.

## 2.1 AS GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO

Os autores do artigo *The Changing Face of War: into the Fourth Generation*<sup>7</sup> (1989) realizaram uma análise do desenvolvimento da guerra na era moderna, observando três gerações distintas.

A primeira, estaria compreendida desde os Tratados de Vestfália<sup>8</sup> (1648) até o período das Guerras Napoleônicas<sup>9</sup> (1799-1815), e caracteriza-se pelo monopólio do uso da força por parte do Estado, passando a constituir exércitos a serem empregados em guerras exclusivamente lineares<sup>10</sup>. O objetivo era cerrar sobre o inimigo e destruí-lo completamente.

Os avanços tecnológicos promovidos pela Segunda Revolução Industrial<sup>11</sup> foram os principais impulsionadores da mudança para guerras de segunda geração. A tecnologia se manifestou tanto qualitativamente, como na artilharia mais pesada e em aviões de bombardeio, quanto quantitativamente, na capacidade de uma economia industrializada em sustentar materialmente um conflito (LIND *et al.*, 1989).

Percebemos que, até a segunda geração, as inovações tecnológicas e materiais fizeram grande diferença entre as forças combatentes, sendo elas fundamentais para que as grandes

---

<sup>7</sup> A face mutante da guerra: na quarta Geração (Tradução nossa).

<sup>8</sup> Acordos assinados entre países da Europa que pôs fim a Guerra dos Trinta Anos. Assinalaram o fim do domínio da autoridade religiosa na Europa e o surgimento das autoridades seculares, além de assegurar a noção da integridade territorial dos Estados-membros soberanos e juridicamente iguais do sistema internacional (MINGST; ARREGUÍN-TOFT, 2014).

<sup>9</sup> Período das campanhas napoleônicas pela Europa, compreendido entre 1799 e 1815, e resultaram em mais de 2,5 milhões de mortos em batalha (MINGST; ARREGUÍN-TOFT, 2014).

<sup>10</sup> Os oponentes se encontravam em lados opostos dos campos de batalha.

<sup>11</sup> A primeira Revolução Industrial foi marcada pelas fábricas movidas a vapor, a segunda foi desde a aplicação da ciência à produção e manufatura em massa, a terceira marca o início da digitalização e a quarta das tecnologias como inteligência artificial, edição de genoma, realidade aumentada, robótica e impressão 3-D (SCHWAB, 2023).

potências militares ou mantivessem o Concerto das Nações<sup>12</sup>, ou rompessem esse pacto na busca de uma ascensão hegemônica do poder.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a guerra de terceira geração foi uma resposta ao aumento do poder de fogo no campo de batalha, tendo como força motriz o campo das ideias (LIND *et al.*, 1989).

Conscientes de que não poderiam prevalecer em uma disputa de material devido a sua base industrial mais fraca na Primeira Guerra Mundial, os alemães desenvolveram táticas radicalmente novas e não lineares, baseadas na manobra e não no desgaste. O ataque valia-se de movimentos rápidos que buscavam atingir a retaguarda do inimigo. Essa tática ficou conhecida como *blitzkrieg*, Guerra Relâmpago, e empregava forças com grande mobilidade e poder de fogo, combinando o emprego de meios como os blindados com a aviação, visando ao propósito de surpreender o adversário (LIND *et al.*, 1989).

Esses mesmos autores do artigo *The changing face of war: into the fourth Generation* (1989) previram ainda como seria a nova geração de guerras, nomeando-as de guerras de quarta geração. Para eles, os conflitos seriam mais fluidos, descentralizados e assimétricos do que os anteriores, com ações que correspondem ao estilo de guerra não convencional<sup>13</sup>. A distinção entre civil e militar poderia desaparecer, uma vez que ambos seriam peças manipuláveis no tabuleiro da guerra.

Logo, a terceira e a prospecção da quarta geração vão além do desenvolvimento do material de combate. Elas evoluem as táticas e estratégicas, transcendendo a esfera militar.

Ainda sobre a quarta geração, os autores destacaram o objetivo a alcançar:

O objetivo da guerra de quarta geração é colapsar o inimigo internamente, em vez de destruí-lo fisicamente. Os alvos incluirão coisas como o apoio da população à guerra e a cultura do inimigo. A identificação correta dos centros de gravidade<sup>14</sup> estratégicos do inimigo será extremamente importante (LIND *et al.*, 1989, p. 3, tradução nossa).<sup>15</sup>

Na visão desses autores, nas guerras de quarta geração haveria maior ênfase na guerra

<sup>12</sup> Sistema criado para manter a independência dos principais estados europeus, além de preservar a paz. Entre 1815 e 1914 a Europa foi mais pacífica do que havia sido por séculos (KAGAN, 1996).

<sup>13</sup> Será abordado no tópico 2.3.

<sup>14</sup> Centro de Gravidade é o ponto em que o oponente é mais vulnerável e onde um ataque terá a melhor chance de ser decisivo (WARDEN, 1988).

<sup>15</sup> No original em inglês: *"Fourth is a goal of collapsing the enemy internally rather than physically destroying him. Targets will include such things as the population's support for the war and the enemy's culture. Correct identification of enemy strategic centers of gravity will be highly important"*.

de informação<sup>16</sup> e em operações psicológicas<sup>17</sup>, sendo essas as armas operacionais e estratégicas dominantes, assumindo a forma de intervenção midiática, onde o principal alvo a atacar seria o apoio da população do inimigo ao próprio governo. Uma execução em larga escala de campanhas de divulgação de informações contrárias a um governo. As notícias televisionadas passariam a ser uma arma operacional mais poderosa do que as divisões armadas.

Segundo Korybko (2018), uma das características que define as guerras de quarta geração é, em grande parte, a ação indireta, evitando atacar os alvos por vias diretas. Em 1954, Basil Henry Liddell Hart (1895-1970), em sua obra, *The Strategy of Indirect Approach*<sup>18</sup>, atentou para a importância de abordar os alvos por métodos inesperados e indiretos.

Deste modo, observamos que a guerra de quarta geração vai além da confrontação entre dois exércitos de Estados de lados antagônicos. Ela pressiona o oponente de modo descentralizado, atuando, entre outras, nas esferas política, militar, econômica e social, focando em ações indiretas, com destaque para os campos informacional e psicológico, visando a convencer o decisor oponente de que seus objetivos não serão atingidos, ou os custos para atingi-los serão extremamente altos.

## 2.2 TEORIA DOS CINCO ANÉIS

O Coronel da Força Aérea dos EUA, John Ashley Warden III (1943-), desenvolveu uma teoria na qual o inimigo é visto como um sistema composto por cinco subsistemas que o mantém unido e que, até certo ponto, todas essas partes estão interconectadas (FIG. 1, ANEXO A) (WARDEN, 1988).

---

<sup>16</sup> As operações de informação consistem no emprego coordenado das capacidades relacionadas à informação (CRI), em contribuição a outras operações ou mesmo compondo o esforço principal, para informar e influenciar pessoas ou grupos hostis, neutros ou favoráveis, capazes de impactar positiva ou negativamente o alcance dos objetivos políticos e militares, bem como para comprometer o processo decisório dos oponentes ou potenciais oponentes, enquanto garantindo a integridade do nosso processo. Dentre as CRI, destacam-se como principais: Operações Psicológicas, Ações de Guerra Eletrônica, Defesa Cibernética, Comunicação Social e Assuntos Cívicos (BRASIL, 2020b, p. 193).

<sup>17</sup> As ações psicológicas são um conjunto de ações de cunho psicológico, desencadeado por meio da manipulação da comunicação social, buscando persuadir determinado público e obter atitudes favoráveis à consecução dos objetivos de quem a produz (BRASIL, 2020b, p. 113).

<sup>18</sup> A Estratégia da Abordagem Indireta (Tradução nossa).

Começando pelo núcleo (o mais importante) e expandindo para fora, são eles: direção (liderança), funções orgânicas essenciais (são as bases do sistema, como redes elétricas e instalações petrolíferas), infraestrutura (sistema de transporte), população e forças armadas desdobradas (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Warden entende que quanto mais próximo do núcleo for realizado um ataque, maior será o impacto sobre o oponente. Um golpe contra as bases do sistema, por exemplo, terá efeito sobre todos os círculos a sua volta, enquanto atingir as forças militares em campo manterá o ataque isolado apenas a esse círculo, sendo essas últimas menos vulneráveis aos ataques diretos, porque foram preparadas para isso (KORYBKO, 2018).

Assim, a estratégia a ser implantada deverá buscar atacar os pontos vulneráveis de cada subsistema, a fim de causar a paralisia estratégica<sup>19</sup> do inimigo, até que este reconheça sua derrota ou esteja sem condições de resistir (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Observamos que as ideias de John Warden foram implementadas em um contexto de guerra regular, onde existe um Estado composto pelos cinco anéis apresentados. Trata-se de uma estratégia seletiva que repousa sobre um planejamento bastante elaborado.

Contudo, a Teoria dos Cinco Anéis pode inverter o axioma tradicional da guerra convencional que prevê a destruição das forças armadas adversárias como a missão prioritária de um Estado em conflito. Na visão de Andrew Korybko (2018), esse conceito é importante tanto para a guerra não convencional como para as revoluções coloridas<sup>20</sup>, os dois pilares das guerras híbridas segundo o citado autor.

No caso da guerra não convencional, as forças combatentes focam nos três círculos do meio (população, infraestrutura e bases do sistema) por questões de conveniência e eficiência, em detrimento aos ataques contra as Forças Armadas em campo e as lideranças (KORYBKO, 2018).

Em se tratando das revoluções coloridas, há dois conjuntos distintos de anéis para cada alvo: a sociedade e o indivíduo. A partir do centro, os anéis da sociedade são: liderança, forças armadas/polícia, elite nacional, mídia e população. A revolução colorida busca iniciar à desestabilização de um governo através da população, tendo por meta final derrubar a

---

<sup>19</sup> A paralisia estratégica é caracterizada como uma intenção não letal de incapacitar o inimigo no campo físico e mental, de maneira que ocasione a sua desorientação e colapso moral (FADOK, 1995).

<sup>20</sup> Será abordado no tópico 2.4.

liderança do Estado e tomar o poder (KORYBKO, 2018).

No caso do indivíduo, os revolucionários procuram cooptar o máximo possível de adeptos antes do início da desestabilização. De forma genérica, podemos dividir seus anéis na seguinte ordem, do centro para o exterior: família, trabalho, vizinhança, religião e país (KORYBKO, 2018).

Contudo, toda revolução colorida precisa inicialmente coletar informações sobre a sua demografia alvo, uma vez que existem diversas adaptações para cada Estado-alvo, e, então, estabelecer o núcleo mais vulnerável no seu respectivo círculo (KORYBKO, 2018).

Assim, notamos que os conceitos da teoria dos cinco anéis elaborados pelo Coronel John Warden sobrepujaram sua aplicação no campo tradicional dos conflitos, passando a ser amplamente empregados pelos adeptos dos meios não convencionais.

### 2.3 GUERRA NÃO CONVENCIONAL

A publicação do Exército dos EUA *Pocket Guide Unconventional Warfare* (2016), baseada no manual *Joint Publication (JP) 3-05.1* (2015), define o conceito de guerra não convencional como:

As guerras não convencionais são atividades conduzidas para viabilizar um movimento de resistência ou insurgência a coagir, abalar ou derrubar um governo ou poder ocupante operando por meio de ou com uma força clandestina, auxiliar, e guerrilheira em uma área negada (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2016, p. 1, tradução nossa).<sup>21</sup>

De acordo com Visacro (2009), essa expressão se confunde com outras, sendo também conhecida como guerra irregular, guerra de baixa intensidade e pequena guerra. Já para Korybko (2018), seu conceito está relacionado a qualquer forma não convencional de guerra, incluindo guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo. Ainda na visão desse último autor, ela inclui, além de forças regulares, mercenários<sup>22</sup> e outros atores desvinculados do

---

<sup>21</sup> No original em inglês: “Activities conducted to enable a resistance movement or insurgency to coerce, disrupt or overthrow a government or occupying power by operating through or with an underground, auxiliary, and guerrilla force in a denied area.”

<sup>22</sup> Soldado profissional contratado que luta por qualquer estado ou nação sem levar em consideração interesses ou questões políticas (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2023d).

Estado.

Logo, o uso da expressão “guerra não convencional” não é comum a todos os autores, porém engloba diversas expressões que abordam ideias semelhantes de movimentos que visam a ganhos estratégicos e políticos.

Korybko (2018) entende que esse tipo de conflito não é composto por tanques, soldados e linhas de batalha bem definidas, o que faz dele não linear e caótico, e, geralmente, busca atacar o inimigo de maneira indireta. O conflito não segue padrões rígidos, lançando mão de formas de emprego que se obtenha vantagens das situações políticas, sociais e até militares, valendo-se do conhecimento psicossocial do ambiente em que está inserido.

O êxito ou o fracasso da guerra não convencional está ligado ao uso correto dos fatores históricos, culturais, étnicos, econômicos e psicológicos, para, com base nesses fatores, definir brechas que podem ser aproveitadas e exploradas para o seu desenvolvimento. Assim, necessitam de um ambiente propício para se desenvolver (KORYBKO, 2018).

A história nos brinda com alguns conflitos que exemplificam o sucesso de forças de características não convencionais sobre exércitos regulares. Cabe destaque a campanha malsucedida norte-americana no Vietnã (1955-1975), que é um desses momentos em que uma força menor, porém conhecedora do terreno, utilizando métodos não regulares para desgastar o inimigo e apoiada pela população e, principalmente, pela mídia, consegue sobrepujar uma grande potência bélica (KORYBKO, 2018).

Em contrapartida, os EUA se fizeram valer de ações não convencionais na defesa de seus interesses, como o apoio às insurreições anticomunistas em Angola, Etiópia, Afeganistão e Nicarágua, na década de 1980 (KORYBKO, 2018).

Em resumo, para o russo Korybko (2018), a guerra não convencional não acontece espontaneamente, ela é a continuação de um conflito já existente na sociedade, a fim de ajudar um movimento contra o governo, atuando em um escopo mais amplo.

Por fim, esse tema permanece relevante, notadamente em resposta ao contexto contemporâneo, caracterizado por ser volátil, incerto, complexo e ambíguo. Entendemos que a visão norte-americana de guerra não convencional foi ampliada pelo autor russo Korybko, com a possível participação de mais atores, estatais ou não, focados em minar ou derrubar um governo. Essa realidade é, portanto, suscitada pela velocidade da informação e por

múltiplas interações entre partes com interesses diversos.

#### 2.4 REVOLUÇÕES COLORIDAS, GUERRA NEOCORTICAL REVERSA E GUERRA CENTRADA EM REDE SOCIAL

As revoluções coloridas (FIG. 2, ANEXO B) são movimentos brandos com a intenção de iniciar um conflito interno. Elas se valem de ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com o uso de redes sociais para conduzir manifestações de massas a fim de desestabilizar governos em nome de reivindicações abstratas como democracia e liberdade (KORYBKO, 2018).

Na visão de Korybko (2018), esses movimentos têm um caráter evolutivo, uma vez que, se eles não forem eficazes o suficiente para derrubar e substituir o governo, prossegue-se para o estágio da guerra não convencional, aquelas realizadas por forças não regulares, sejam guerrilhas, milícias ou insurgências, como visto no tópico anterior.

Logo, percebemos que, quanto mais as revoluções coloridas acontecerem nas proximidades dos países-alvo, menos será necessário recorrer à guerra direta.

Além disso, Szafranski (1994) nos explica que a guerra neocortical é uma estratégia que busca influenciar o comportamento dos adversários e moldá-lo sem recorrer à destruição direta. Seu objetivo principal é exercer controle sobre a liderança adversária, atuando de maneira complexa ao regular a consciência, percepções e vontade por meio do seu sistema neocortical.

Ainda pelo prisma do autor supracitado, essa abordagem envolve apresentar às lideranças adversárias percepções, dados sensoriais e cognitivos projetados de forma a induzir um conjunto específico e controlado de cálculos e avaliações. O resultado dessas influências são escolhas pelos adversários que, de maneira deliberada, se alinham com as escolhas e resultados desejados pelos estrategistas oponentes.

Um dos objetivos fundamentais dessa abordagem é persuadir os líderes inimigos a evitarem a luta, tornando essa influência sobre suas mentes uma tática primordial. Através do controle das percepções e cognições, a guerra neocortical busca alcançar seus objetivos sem

a necessidade de recorrer à violência ou destruição física (SZAFRANSKI, 1994).

Portanto, a guerra neocortical reversa, relevante para a revolução colorida, em vez de focar na liderança do governo, visa atingir o "cérebro coletivo" da população e influenciá-lo indiretamente, levando-o a se agitar e derrubar o governo em questão, em vez de permanecer passivo e inerte (SZAFRANSKI, 1994).

De acordo com Szafranki, a abordagem mais eficaz para alcançar esse objetivo é estudar os valores, a cultura e a visão de mundo do público-alvo e, em seguida, abordá-lo através de técnicas de programação neurolinguística.

Já o conceito de guerra centrada em redes surgiu em 1998 nos EUA com o intuito de utilizar redes de tecnologia da informação e de comunicações para otimizar o processamento de dados relevantes e sua utilização. A ideia evoluiu e passou a considerar a interconexão de sistemas e meios como uma forma de potencializar o poder de combate (CEBROWSKI; GARSTKA, 1998).

Adaptando a ideia original da guerra centrada em redes à rede social humana e, conseqüentemente, passando a ser pertinente nas revoluções coloridas, a força agregada para levar adiante uma revolução aumenta quanto mais o homem interage, inicialmente via social e, depois, pessoalmente, após o início da revolução (KORYBKO, 2018).

O contato inicial pelo qual o indivíduo recebe as informações antigoverno, pode ocorrer virtualmente, por computadores e celulares, ou fisicamente, por meio de interação com uma ONG, por exemplo. As redes de mídias sociais são as ferramentas utilizadas para organizar os participantes da revolução e chamá-los à ação. Por fim, a espinha dorsal da informação de alta qualidade que sustenta todo o aparelho é a campanha de informação externa, através da propaganda e tornando-se mais efetivo pela abordagem de guerra neocortical de Szafranski (KORYBKO, 2018).

Assim, entendemos que o advento das mídias sociais, como Facebook e Twitter, oferecem uma oportunidade excepcional para penetrar nas mentes de muitos a serem cooptados ou para organizar as ações pretendidas. Essas ferramentas permitem que pessoas com as mesmas ideias e interesses possam se coordenar para uma ação conjunta, mesmo que estejam separadas por milhares de quilômetros umas das outras.

Concluimos, então, que a psicologia de um grupo geral e específico tira melhor

proveito dos métodos para difundir mensagens contra um governo-alvo, como vimos no modelo dos cinco anéis sociais e individuais, uma vez que ele ajuda a visualizar a estratégia de amplo alcance dos gestores das revoluções coloridas para desestabilização de um governo através da população e apelo midiático, facilitado pelo advento das redes sociais.

## 2.5 TEORIA DO CAOS

Steven Mann (1960-) publicou em 1992 a *Chaos Theory and Strategic Thought*<sup>23</sup>, fundindo os conceitos de caos e estratégia, aparentemente díspares. Ele entende o caos como sinônimo de dinâmica não linear e aplicável a sistemas com números muito grandes de partes em constante transformação, exemplificados pela sociedade ou pela guerra.

Urge advertir, contudo, que é possível observar certo aspecto de ordem padronizada em meio ao caos. Para isso, o caos depende de poucas variáveis iniciais que servem tanto para as revoluções coloridas como para a guerra não convencional, que são: formato inicial do sistema, estrutura subjacente do sistema, coesão entre os atores e energia de conflito dos atores individuais (MANN, 1992).

Mann (1992) afirma que o “formato inicial” da situação social no país-alvo desempenha um papel tão importante para uma revolução colorida quanto o “formato inicial” da situação física, militar e infraestrutural desempenha para a guerra não convencional, sendo a mesma linha de pensamento verdade para as variáveis “estrutura subjacente do sistema” e “coesão entre os atores”.

Essa estrutura subjacente do sistema consiste nos seus elementos essenciais e em suas interações, moldando, operando e organizando o sistema como um todo. Já a coesão entre atores representa a força ou vínculo que une os vários participantes ou agentes em um sistema, grupo social, organização ou contexto específico.

Em relação à última variável abordada no parágrafo anterior, para mudar a energia de conflito das pessoas a fim de direcioná-las favoravelmente aos objetivos pretendidos, Mann (1992) faz alusão às ações agressivas de hackers que utilizam vírus para modificar *softwares*<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Teoria do Caos e Pensamento Estratégico (Tradução nossa).

<sup>24</sup> Conjunto dos elementos que, num computador, compõe o sistema de processamento de dados (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2023b).

porém, nessa ideia, vírus ideológicos para contaminar seres humanos.

Logo, observando o código civilizacional/cultural e buscando a melhor forma de penetrar nos cinco anéis sociais dos cidadãos-alvo, como visto na teoria dos cinco anéis, as revoluções coloridas podem espalhar sua mensagem ao criar essa espécie de vírus ideológico e personalizado a fim de conquistar novos adeptos (MANN, 1992).

Primeiro, esse vírus contamina o indivíduo de modo a modificar suas convicções políticas, e, sequencialmente, esses indivíduos espalharão ativamente suas ideias para outras pessoas, causando uma epidemia ideológica (MANN, 1992), alinhado as teorias de guerra neocortical reversa e guerra centrada em rede social.

Para Korybko (2018) as ações que levam ao caos social abordam seus alvos indireta e imprevisivelmente, perturbando o ciclo OODA<sup>25</sup> deste alvo, visando a desestabilizar sua capacidade de tomar as decisões corretas e de agir da maneira mais apropriada.

Em suma, o desencadear do caos começa com um vírus que subverte o sistema social do Estado-alvo, e, se esse movimento social esperado não for capaz de derrubar o poder pela força ou intimidar o governo a abdicar por contra própria, então outros métodos mais agressivos de uma guerra não convencional são postos em prática. A intenção é fazer o caos crescer, podendo se valer de grupos armados dedicados a derrubar o Estado e acentuar o fator “medo” que permeia a sociedade e contribui com para um cenário pleno de incertezas. (KORYBKO, 2018)

Como parte de uma estratégia maior, o caos pode ser desencadeado nas Relações Internacionais, como o ocorrido nos eventos da Primavera Árabe<sup>26</sup> (2010–2012), marcada por revoluções coloridas generalizadas, e na desestabilização orientada externamente e por atores desvinculados do Estado na Síria (KORYBKO, 2018), como estudaremos no próximo capítulo.

Por fim, a Teoria do Caos visa desestabilizar o sistema social do Estado-alvo por meio de uma série de ações progressivas. Logo, os princípios caóticos nas guerras híbridas estão

---

<sup>25</sup> Este ciclo foi elaborado pelo piloto de caça da Força Aérea dos EUA John Richard Boyd (1927–1997) e tem por finalidade facilitar a tomada de decisão de um indivíduo após observar a situação, orientar-se, decidir e, então, agir (KORYBKO, 2018)

<sup>26</sup> Iniciada em dezembro de 2010, uma série de manifestações explodiu na maioria dos países árabes, essa onda de protestos ficou conhecida como a Primavera Árabe. As principais reivindicações eram por mudanças nos regimes, mais direitos políticos e por regimes mais democráticos. Os levantes da Primavera Árabe conseguiram derrubar o governo de países como Egito, Tunísia, Barein e Iêmen (LUCENA, 2017).

alinhados as ideias de guerras de quarta geração, uma vez que sua natureza não linear é inerentemente indireta e imprevisível para o alvo, de modo a sobrepujar o ciclo OODA e imobilizar o inimigo. Entendemos também que, juntas, o objetivo derradeiro da combinação revolução colorida mais guerra não convencional é o caos sistêmico.

## 2.6 DOMINAÇÃO DO ESPECTRO TOTAL

Em 2000, o Pentágono, através do documento *Joint Vision 2020*<sup>27</sup>, vislumbra que, em um cenário de conflito de interesses, os EUA alcançariam seus objetivos por meio do domínio de amplo espectro, sendo essa a capacidade de suas forças, operando unilateralmente ou em combinação com parceiros multinacionais e interagências, para derrotar qualquer adversário e controlar qualquer situação em toda a gama de operações militares.

Os EUA seriam capazes de conduzir operações imediatas, sustentadas e sincronizadas com combinações de forças adaptadas a situações específicas e com acesso e liberdade para operar em todos os domínios – espaço, mar, terra, ar e informação.

Ainda na visão do Pentágono, para dominar o espectro total, os EUA deveriam ser persuasivos na paz, decisivos na guerra, e proeminentes em qualquer forma de conflito.

Andrew Korybko (2018), resumiu a ideia de dominação de espectro total como “absolutamente tudo que pode se tornar uma arma ou pode ter algum tipo de importância no campo de batalha, ou na consciência de seus atores” (KORYBKO, 2018, p. 40).

Deste modo, somos conduzidos ao entendimento de que a dominação do espectro total envolve uma gama complexa de possíveis armas, convencionais ou não, que podem ser utilizadas a fim de garantir vantagem sobre o oponente ou possível adversário, seja em tempo de paz ou de guerra, em qualquer área de atuação estatal ou não, civil ou militar.

## 2.7 GUERRA POR PROCURAÇÃO

No contexto da Guerra Fria, em 1964, Deutsch (1912-1992) formulou a primeira definição do conceito de guerra por procuração. Nesse período, os EUA e a ex-URSS

---

<sup>27</sup> Visão Conjunta 2020 (Tradução nossa).

competiam pela supremacia no cenário internacional, adotando políticas externas que visavam conter o avanço da influência adversária, sem recorrer a confrontos diretos que pudessem resultar em um conflito nuclear. Os conflitos por procuração, portanto, tornaram-se indispensáveis para manter a estabilidade do Sistema Internacional.

Deutsh (1964) propôs a seguinte definição de guerra por procuração:

Um conflito internacional entre duas potências estrangeiras, travado em solo de um terceiro Estado; disfarçado de conflito por uma questão interna daquele Estado; e que emprega efetivos, recursos e território daquele Estado como meio para alcançar, preponderantemente, objetivos e estratégias das potências estrangeiras<sup>28</sup> (DEUTSCH, 1964, p. 102, tradução nossa).

Com escopo mais amplo, Andrew Mumford (2013) descreve a guerra por procuração como uma tentativa dos atores externos à dinâmica original de influenciar conflitos preexistentes, sejam eles de natureza internacional ou interna, visando a consecução de seus próprios interesses.

Além disso, existem as ações diretas, que ocorrem quando há participação objetiva, mesmo que dissimulada, de militares do ator principal em um conflito. No entanto, há casos em que uma força substituta conduz uma atuação direta em hostilidades, segundo a perspectiva de Mumford, seriam considerados como uma força militar ou paramilitar externa à dinâmica do conflito internacional, ou interno, cuja atuação representa interesses estratégicos de terceiros. É importante mencionar o recrutamento de mercenários, pagos pela potência financiadora, para atuarem diretamente em conflitos.

No entanto, existem outros casos abrangidos pelo conceito de guerra por procuração, principalmente por serem considerados intervenções indiretas. Esses casos incluem: a transferência de conhecimentos e habilidades para serviços de inteligência; o financiamento de elementos de serviços secretos e forças especiais externas ao ator principal para atuarem diretamente em conflitos; e a tentativa de influenciar confrontos por meio da disseminação de propaganda ou desinformação (MUMFORD, 2013).

Logo, concluímos que a visão de Mumford ampliou o termo introduzido por Deutsch, sendo diversas as práticas usadas que abrangem o conceito de guerra por procuração,

---

<sup>28</sup> No original em inglês: *“An international conflict between two foreign powers, fought out on the soil of a third country; disguised as a conflict over an internal issue of that country; and using some of that country’s manpower, resources and territory as a means for achieving preponderantly foreign goals and foreign strategies.”*

podendo o interessado externo atuar com ações diretas e indiretas no conflito alheio.

## 2.8 GUERRA HÍBRIDA

O conceito de guerra híbrida engloba diversas ideias, combinando múltiplas ferramentas de guerra convencional e não convencional, como o arranjo de ações de forças regulares, forças especiais, forças irregulares, apoio a manifestações locais, guerra de informação, diplomacia, ataques cibernéticos e guerra econômica (BRASIL, 2020a).

O precursor do uso da expressão guerra híbrida foi o Major William Nemeth, que, em um artigo escrito em 2002, analisou a vitória dos rebeldes separatistas chechenos contra o exército russo, ocorrida em dois períodos, o primeiro de 1994 a 1996 e o segundo de 1999 a 2000. Nesses dois conflitos, as forças russas, muito superiores, sofreram com a forma de lutar dos chechenos (NEMETH, 2002).

Para Andrew Korybko (2018) este modelo de guerra é “um pacote híbrido excepcional de dominação intangível e tangível das variáveis do campo de batalha que se manifesta de maneira largamente indireta” (KORYBKO, 2018, p. 44). Em suma, ele a resume como a combinação de revolução colorida mais guerra não convencional, com o objetivo derradeiro de subverter o sistema social do Estado-alvo e provocar o caos sistêmico.

Frank Hoffman (2007) nos ensina que as guerras híbridas misturam letalidade do conflito estatal com o fervor fanático e prolongado da guerra irregular. A palavra híbrida abrange tanto sua organização quanto seus meios.

Isto posto, concordamos que os conceitos estudados neste capítulo estão em consonância com os observados por Hoffman e por Korybko.

Ainda alinhados com os conceitos vistos anteriormente, os conflitos híbridos podem ser conduzidos por ambos os Estados em contenda e por uma variedade de atores não-estatais, incorporando uma série de diferentes modos de afetar o Estado-alvo, incluindo desordem social, movimentos separatistas, sanções econômicas e até atos extremistas como o terrorismo (HOFFMAN, 2007).

O conceito russo de “Conflito Não Linear” é um exemplo disso, pois é baseado no emprego de forças convencionais e irregulares em conjunto com manobras políticas, econômicas, psicológicas, além de ataques cibernéticos (BALL, 2019).

Contudo, para alguns estudiosos russos, o ocidente é quem melhor se vale de ações não convencionais e de domínio do amplo espectro. Na visão deles, ao invés de uma invasão militar ostensiva, os primeiros ataques são realizados mediante uma oposição política por meio de propaganda em canais de televisão e pela internet, usando nessa propaganda as organizações não governamentais para atacar o país alvo (BARTLES, 2016).

Essa propaganda gera movimentos separatistas, muitas vezes alimentados financeiramente pelo Estado ou outro ator que a promove. A governabilidade do país alvo passa a ser deteriorada com o aumento das insurgências, nesse momento, forças especiais, convencionais ou contratadas, podem ser infiltradas para fortalecer esses movimentos insurgentes e prejudicar ainda mais o comando e controle do alvo (BARTLES, 2016).

Quando o governo legítimo do país alvo perde a capacidade de controlar a situação e passa a usar métodos mais agressivos na tentativa de manter a ordem, é gerado o pretexto para a realização de uma intervenção, inicialmente política e econômica. E, com o colapso administrativo e da ordem deste país, o próximo passo é o emprego das forças militares com a justificativa de operações de manutenção da paz, no propósito final de substituição do governo ou do regime político (BARTLES, 2016).

Consoante com o abordado ao longo deste capítulo, esse *modus operandi* citado nos últimos parágrafos está alinhado com os conceitos vistos na teoria do caos e das revoluções coloridas, além de sua conquista social por camadas, como abordado na teoria dos cinco anéis, podendo ser exemplificadas pelos ocorridos nos levantes da Primavera Árabe (2010–2012), que teriam sofrido influência externa do ocidente.

Concluimos que a teoria da guerra híbrida está entrelaçada aos diversos conceitos que a compõe, muito por conta da complexidade de ações e de atores que envolvem o amplo espectro de oportunidades para fustigar o Estado adversário, com destaque para os métodos indiretos, fazendo crescer de importância os meios não militares para atingir os objetivos políticos e estratégicos.

Com o intuito de concatenar os argumentos expostos até aqui e alcançar o propósito deste trabalho, na sequência abordaremos os aspectos essenciais do conflito ocorrido na Síria, na década de 2010.

### 3 SÍRIA (2012-2018) E A PARTICIPAÇÃO RUSSA

O foco deste capítulo é analisar a participação russa na guerra da Síria, em um corte temporal entre 2012 e 2018, sob a ótica das ideias da teoria da guerra híbrida. Para isso, abordaremos uma breve contextualização dos fatos históricos contemporâneos que estruturaram as relações russo-sírias e o cenário propício para a eclosão do conflito em lide, seguida de uma análise da participação russa nos amplos espectros do mesmo.

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Síria é um país do Oriente Médio que faz fronteira a oeste com o Líbano e o Mar Mediterrâneo, a norte com a Turquia, a leste com o Iraque e a sul com a Jordânia e Israel. Sua geografia é marcada pela presença de grandes desertos e dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates.

Sua longa e complexa história, que remonta a antiguidade, é marcada por instabilidade política e ingerência externa, tendo sido habitada por várias culturas e povos diferentes, cabendo destaque para os Impérios Romano, Bizantino e Otomano (PICCOLLI *et al.*, 2016).

A dominação turco-otomana perdurou cerca de 400 anos e terminou ao fim da Primeira Guerra Mundial, permitindo aos sírios experimentar um breve período de independência, encerrado em 1920 pela Conferência de *San Remo*, a qual dividiu os territórios anteriormente administrados pelo Império Turco-Otomano. Essa partilha foi realizada conforme o acordo *Sykes-Picot*<sup>29</sup>, passando a Síria a ser colonizada pela França (PICCOLLI *et al.*, 2016).

A independência da Síria do Estado francês ocorreu em 1945 contudo, foi em 1963, após períodos de instabilidade governamental, que o partido *Bath*<sup>30</sup> assume o poder, adotando, desde então, uma corrente ideológica nacionalista árabe de oposição ao ocidente. Fruto deste partido, Hafez Al-Assad (1930-2000) governou a Síria de 1971 até 2000, ano de

---

<sup>29</sup> O acordo Sykes-Picot, assinado em 1916 inicialmente pela França e Inglaterra, e depois pela Rússia, dividia os territórios turco-otomanos em esferas de influência para as três potências acima citadas. Com a Revolução Bolchevique em 1917, a Rússia renunciou ao tratado (PICCOLLI *et al.*, 2016, p. 202).

<sup>30</sup> Partido político que fazia alusão a unificação do mundo árabe em um único Estado e teve grande influência em alguns países árabes na segunda metade do século XX, como principal corrente ideológica pregava o nacionalismo árabe, anti-imperialismo e o socialismo árabe (LUCENA, 2017).

sua morte (LUCENA, 2017).

As relações entre Síria e ex-URSS iniciaram com a assinatura de um acordo secreto em 1946. Esse acordo prescrevia a prestação de apoio diplomático e político da ex-URSS à Síria no cenário internacional e a ajuda militar soviética para a fundação do exército nacional daquele país. Em 1950, um pacto de não agressão assinado entre eles elevou as relações soviético-sírias a uma dimensão mais avançada (ARHAYEV; KATMAN, 2012).

A aproximação entre os dois países surgiu como resultado natural da conjuntura internacional do período da Guerra Fria, no qual o conflito de interesses entre os países ocidentais liderados por EUA e ex-URSS no Oriente Médio foi responsável pela eclosão de diversas contendas que serviram para estreitar cada vez mais os laços entre sírios e soviéticos (ARHAYEV; KATMAN, 2012).

Neste contexto, a Síria se estabeleceu como um país satélite soviético e importante aliado para garantir uma zona de influência na região. Além disso, contribuiu para manutenção do equilíbrio nuclear, uma vez que a localização geográfica da Síria se destaca, na qual, caso os norte-americanos instalassem suas ogivas em submarinos no Mediterrâneo para um possível ataque à Rússia, os russos poderiam também fazê-lo a partir do território sírio (ARHAYEV; KATMAN, 2012).

Assim, em 1971, a ex-URSS impôs sua presença no Mar Mediterrâneo ao estabelecer uma base naval em Tartus, na Síria, visando assegurar suas linhas marítimas de comunicação e o acesso aos mares quentes. Ao longo dos anos 1980, a ex-URSS continuou a apoiar fortemente a Síria nos aspectos econômico e militar (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Depois do período inicial de instabilidade que ocorreu após o colapso da ex-URSS, a Rússia redefiniu os princípios de sua política externa e retomou os contatos estabelecidos com certos países do Oriente Médio, como a Síria, a partir de meados da década de 1990. A relevância dessa relação russo-síria, que perdura até os dias atuais, reflete-se não apenas em termos políticos, mas também em aspectos econômicos e militares, sendo o comércio de armas um exemplo significativo (FREIRE, 2023).

Com o falecimento de Hafez Al-Assad em 2000, ascendeu ao poder seu filho, Bashar Al-Assad (1965-), sendo reeleito duas vezes, em 2007 e 2014, permanecendo a frente do governo sírio até hoje (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Em suma, podemos concluir que a relação entre Rússia e Síria, favorecido pelo

estabelecimento, por um longo período, de um governo autoritário e ideológico sírio, proveu frutos para ambos os lados. A Síria se tornou um parceiro importante para a Rússia, servindo como um elemento fundamental na defesa de seus interesses. Sua localização geoestratégica privilegiada permite à Rússia contrapor as ações do ocidente. Além disso, a Rússia tem desempenhado um papel significativo como parceiro sírio nos campos comercial, político e militar, especialmente nos dois últimos, como discutiremos posteriormente.

### 3.2 A ESCALADA DA CRISE E A GUERRA CIVIL NA SÍRIA

Os levantes populares conhecidos como Primavera Árabe eclodiram no final de 2010 na Tunísia e foram difundidas para outros países do Oriente Médio e norte da África, tendo por ferramenta uso de redes sociais para conduzir as manifestações de massas populares. Esses protestos objetivavam mudanças democráticas nos governos e conseguiram derrubar regimes autoritários como os de Egito, Tunísia, Barein e Iêmen (LUCENA, 2017).

Os protestos chegaram a Síria em 2011 e, visando um destino diferente, Assad os reprimiu violentamente. Contudo, o resultado foi uma escalada na crise, pois os manifestantes responderam de forma agressiva, iniciando uma guerra civil (LUCENA, 2017).

Lucena (2017) nos explica que Assad passou a rotular seus opositores como movimentos fundamentalistas islâmicos, entendendo ele haver uma conspiração externa para desestabilizar a Síria. Para ele, a manutenção de seu governo seria a forma plausível para combater esses extremistas.

Todavia, o autoritarismo seria apenas uma das causas da guerra civil, pois o processo de colonização da Síria instigou as rivalidades entre os diversos grupos étnicos e religiosos existentes na região. A pesquisadora de relações internacionais Gabriela Furtado explica tal quadro que contribuiu para a escalada do conflito:

Os motivos por trás da guerra civil estão enraizados de forma muito profunda em sua história, desde a antiguidade. Na formação do Estado Sírio, independente em 1946, a disputa étnica e religiosa pelo poder esteve sempre em evidência, como consequência da política colonial francesa de enfraquecer a unidade árabe, instaurando pequenas divisões no país, governadas por um grupo que representava a minoria da população, os alauitas<sup>31</sup>, em detrimento da maioria sunita (80% da

---

<sup>31</sup> Alauita, do árabe *'Alawī*, qualquer membro de uma seita minoritária de muçulmanos xiitas que vivem principalmente na Síria (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2023a).

população), (FURTADO, 2014, p. 1).

Em 2011, a comunidade internacional, principalmente o ocidente, protestou contra a brutalidade dos atos do exército sírio frente aos manifestantes, acusando os militares de crimes contra a humanidade e, por conseguinte, impondo sanções à Síria. Uníssonos a oposição interna daquele país, começaram a pedir a renúncia imediata de Assad da presidência. O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) propôs estabelecer resoluções para a situação na Síria, porém, a Rússia vetou tais tentativas (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Convém mencionar a participação do movimento jihadista<sup>32</sup> Estado Islâmico<sup>33</sup> (EI), importante ator envolvido no conflito e que ascendeu rapidamente ao conquistar e controlar parte do território iraquiano e parte do norte da Síria, incluindo sua maior cidade, Alepo (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Em 2013, Assad consentiu com o uso de armas químicas contra os revoltosos, causando novo alvoroço na comunidade internacional. Logo, os EUA ameaçaram um ataque unilateral para a solução da crise síria contudo, a Rússia prontamente respondeu e freou o ímpeto norte-americano ao agir diplomaticamente e intermediar um acordo com o presidente Bashar al-Assad para entregar seu arsenal de armas químicas à Organização das Nações Unidas (ONU) (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Paralelamente, de modo a alertar o ocidente que não permitiria um ataque a Damasco, Moscou movimentou navios militares para o Mediterrâneo, demonstrando, uma vez mais, seu apoio ao governo de Assad (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Ademais, Piccolli (2016) amplia sobre os interesses russos no conflito:

[...] os interesses político-militares [...] que envolvem o influxo russo na região [...] traduzem-se em assinalar à comunidade internacional a capacidade do Kremlin em atuar como polo de poder no Sistema Internacional, seja no âmbito da negociação, seja na projeção de capacidades militares, ou ainda no imperativo do uso da força no entorno regional. (PICCOLLI *et al.*, 2016, p. 197).

Assim, entendemos que a posição russa frente aos acontecimentos na Síria foi de se manter influente na região e evitar mudanças de regime governamentais que pudessem ocidentalizar seu entorno estratégico. Tal fato foi fundamental para que Assad permanecesse

---

<sup>32</sup> *Jihad*, (árabe: “luta” ou “esforço”) uma luta ou esforço meritório. Muitas vezes foi traduzido erroneamente no ocidente como “guerra santa”. Jihad, particularmente no reino religioso e ético, refere-se principalmente à luta humana para promover o que é certo e prevenir o que é errado (AFSARUDDIN, 2023)

<sup>33</sup> Grupo extremista que se desenvolveu a partir das ações da *al-Qaeda*, no Iraque (PICCOLLI *et al.*, 2016).

no poder e combatesse os revoltosos.

### 3.3 A PARTICIPAÇÃO RUSSA NO CONFLITO

Rememorando suas ambições estratégicas de poder no Oriente Médio da época da Guerra Fria (JONES *et al.*, 2020), em 2015, foi realizada uma ofensiva conjunta entre forças de Assad, do Irã e do *Hezbollah*<sup>34</sup>, com cobertura aérea russa, para a retomada da cidade de Aleppo, dando início a participação da Rússia no conflito e evidenciando sua oposição a uma troca do governo sírio forçada por ingerência externa (PICCOLLI *et al.*, 2016).

De modo a justificar sua entrada no conflito e legitimar suas ações junto aos demais atores internacionais, a Rússia declarou combater os grupos terroristas que afrontavam a Síria, com destaque para o Estado Islâmico (JONES *et al.*, 2020).

Contudo, de acordo com Jones *et al.* (2020), essa declaração de combate ao terrorismo esconderia os reais objetivos russos: estabilizar a Síria, um centro estrategicamente importante para Moscou no Oriente Médio que estava sob ameaça; e impedir a derrubada do governo de Bashar Al-Assad pelos países ocidentais, liderados pelos EUA que intencionavam substituir o regime sírio por um governo orientado aos interesses ocidentais.

As ações russas, de modo geral, foram marcadas por ataques em larga escala contra infraestrutura civil e humanitária, visando negar recursos como comida, combustível e assistência médica aos adversários, ao mesmo tempo em que erodia a vontade dos civis de apoiar grupos de oposição (JONES *et al.*, 2020).

Além disso, Jones *et al.* (2020) aborda a eficaz campanha diplomática russa, conduzida complementando aos esforços militares e nos ensina que, enquanto o Ministério das Relações Exteriores russo negociou acordos de cessar-fogo, seu Ministério da Defesa aproveitou esses acordos para descansar e reequipar as forças pró-regime e depois violar os mesmos acordos quando possível.

Na sequência, abordaremos as campanhas russas no campo militar, informacional e diplomático, visando compreender a sinergia entre elas e seus efeitos complementares para

---

<sup>34</sup> Partido político e grupo militante que surgiu pela primeira vez durante a guerra civil do Líbano como uma milícia após a invasão israelense daquele país em 1982 (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2023c).

atingir os objetivos russos e de Assad.

### 3.3.1 A CAMPANHA MILITAR RUSSA

Moscou apostou em se envolver diretamente no conflito na Síria, pois confiava na sua capacidade de estabelecer uma estratégia militar viável a um custo administrável aceitável. Contudo, não empregou um grande efetivo de seu exército e contou com os militares sírios como elemento de manobra principal, apoiados pelo *Hezbollah*, milícias pró-governo e *Private Military Company* (PMC)<sup>35</sup> como forças terrestres (JONES *et al.*, 2020).

A estratégia russa combinava poder aéreo e manobra terrestre para subjugar seu inimigo, conduzindo ataques de aeronaves de asa fixa e helicópteros, além de navios e submarinos. Ao longo da guerra, a integração ar-terra russa com as forças pró-regime melhorou gradualmente (VOLKENBURG, 2018).

Fator que beneficiou os esforços russos foi a dificuldade dos grupos rebeldes em coordenar suas atividades e carecerem de recursos defensivos importantes, como armamento antiaéreo. Cabe mencionar que os opositores do governo sírio foram classificados como rebeldes por Bashar Al-Assad, sem apresentar uma constituição formal e muito menos uma legitimidade jurídica institucional (JONES *et al.*, 2020).

Antes do início da intervenção, Rússia e Síria acordaram o uso da base aérea de Hmeimim<sup>36</sup> (FIG. 3 e FIG. 4, ANEXO C), a sudeste da cidade de Latakia (PICCOLLI *et al.*, 2016), e a da base naval de Tartus (FIG. 5 e FIG. 6, ANEXO D), que permitiram a Rússia realizar concentração de equipamentos, além de melhorias nas bases a ela cedidas, como dragagens nos canais de aproximação da base de Tartus para o emprego de navios de guerra, como as fragatas da classe Krivak e classe Moma (JONES *et al.*, 2020).

Enquanto a Marinha russa contava, ainda, com corvetas e submarino, a aviação russa

---

<sup>35</sup> Companhia Militar Privada (tradução nossa). São corporação independente que oferecem serviços militares a governos nacionais, organizações internacionais e atores subestatais. As PMC constituem um elemento importante e profundamente controverso da indústria militar privatizada. Seu trabalho varia desde a realização de missões de treinamento em pequena escala até o fornecimento de unidades de combate compostas por várias centenas de soldados altamente treinados, equipados com poderosas plataformas de armas, incluindo tanques e helicópteros de ataque (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2023b).

<sup>36</sup> Em 2015, a Rússia assinou um acordo com a Síria para utilização da base aérea síria de Hmeimim, localizada a sudeste da cidade de Latakia. Em 2017, a Rússia renovou o acordo por mais 49 anos (JONES *et al.*, 2020).

era composta por caças de ataque ao solo, caças-bombardeiros e helicópteros de ataque (PICCOLLI *et al.*, 2016).

A intervenção militar da Rússia na Síria contou com três fases centradas em objetivos diferentes, mas interligados: estabilizar o regime de Assad em áreas centrais do oeste da Síria (2015-2016); conduzir operações ofensivas no oeste para recapturar Aleppo (2016-2017); e combater o Estado Islâmico no centro e leste da Síria (2017-2018) (JONES *et al.*, 2020).

Ao longo das fases da campanha, as necessidades do campo de batalha precipitaram um aumento constante de forças terrestres especializadas, incluindo unidades de artilharia, controladores aéreos avançados, forças de operações especiais, polícia militar e militares privados contratados (JONES *et al.*, 2020).

Ainda segundo Jones *et al.*, inicialmente, a Rússia empregou forças convencionais em conjunto com as demais forças terrestres pró-Síria, objetivando dividir os rebeldes e atacá-los por partes. Essas forças em solo eram apoiadas pelo fogo advindo da aviação e da marinha russa. No caso do apoio aéreo aproximado, foram utilizados pequenos efetivos russos de militares de forças especiais como guias aéreos aproximados. A coordenação eficiente entre forças terrestres e os meios de apoio foi o fator preponderante para o sucesso da estratégia russa.

Em relação ao emprego das forças de operações especiais russas, além da tarefa já citada no parágrafo anterior, pequenas frações também foram utilizadas para ações de reconhecimento terrestre. Já na segunda fase das operações, essas forças atuaram, também, em ações de destruição e sabotagem de pontos importantes, ampliando a eficácia das ações russas e de seus aliados e contribuindo para a retomada de Aleppo. Outra tarefa atribuída as forças de operações especiais foi o treinamento de forças de mercenários das PMC, empregados amplamente nas ações terrestres (JONES *et al.*, 2020).

Na segunda fase, a intervenção russa desequilibrou o poder militar a favor das forças sírias em detrimento dos bem armados grupos rebeldes. Os contínuos ataques aéreos russos, tanto aos eixos de aproximação de Aleppo para cortar a linha de abastecimento dos rebeldes quanto no interior da cidade, somados aos conselheiros russos junto as tropas terrestres, alcançaram ganhos estratégicos contra a oposição e serviram para preparar o campo de batalha, permitindo a retomada de Aleppo (JONES *et al.*, 2020).

A terceira fase teve início em 2017, objetivando limpar o Estado Islâmico de um terreno

importante no centro da Síria que ainda ameaçava Damasco. Os russos e as forças sírias avançaram para o leste para retomar a cidade de Dayr az Zawr, o segundo maior reduto urbano do Estado Islâmico na Síria, onde as forças pró-regime estavam sitiadas desde 2014 (JONES *et al.*, 2020).

Na visão de Jones *et al.*, a operação em Dayr az Zawr representou uma demonstração sem precedentes de toda a ordem de batalha russa na Síria: operações especiais, inteligência, apoio ao combate, especialistas, aeronaves de asa fixa, helicóptero de ataque, aeronaves de reconhecimento, bombardeiros de longo alcance e mísseis de cruzeiro lançados de navios. Em um esforço para enfatizar o crescente poderio militar russo e a paridade com as forças dos EUA na Síria, o Ministério da Defesa da Rússia reconheceu e promoveu o envolvimento de forças especiais russas, transmitindo vídeos de ataques aéreos e de mísseis russos, e incorporou jornalistas russos e estrangeiros para documentar suas operações.

Ao recapturar Dayr az Zawr em outubro de 2017, as forças pró-regime prosseguiram em direção ao leste da Síria e começaram a avançar para o sul pelo rio Eufrates em direção à fronteira com o Iraque, mantendo o objetivo de combater o Estado Islâmico (JONES *et al.*, 2020).

Logo, entendemos que Rússia decidiu empregar meios aéreos e especializados em apoio as ações das forças terrestres de outros atores parceiros para alcançar os objetivos militares, sendo fundamental a atuação russa em outras esferas de influência para dar suporte a esses atos. O aprofundamento da cooperação no campo de batalha entre as forças russas, do regime e iranianas e a integração das operações ar-terra permitiram que as tropas pró-regime retomassem Aleppo e outras as cidades, além de combater o Estado Islâmico no centro e leste da Síria.

### 3.3.2 A CAMPANHA INFORMACIONAL RUSSA

A guerra informacional russa foi empregada em paralelo aos seus demais esforços, sendo uma mistura de manobras diplomáticas, de propaganda e de desinformação destinadas a justificar sua intervenção na Síria, desacreditar rivais e retardar ou paralisar a ação diplomática contra as ações do regime russo e sírio (JONES *et al.*, 2020).

Deste modo, valendo-se das declarações de Bashar Al-Assad de enfrentamento de um

misto de grupos rebeldes formados por grupos extremistas como o Estado Islâmico e por grupos moderados, alguns dos quais seriam apoiados pelas potências ocidentais, a campanha aérea russa passou a atacar os grupos rebeldes moderados e os civis que faziam parte da sua rede de sustentação (VOLKENBURG, 2018).

Para legitimar os ataques a alvos civis, a Rússia orquestrou uma campanha de propaganda usando diplomacia e desinformação para atingir a população síria e tentar mitigar os esforços internacionais para responsabilizar o regime de Assad por abusos (JONES *et al.*, 2020).

Assim, Moscou adotou uma postura de transparência em relação às suas operações militares na Síria, buscando ampla divulgação dos ataques aéreos por meio de vídeos, fotos e entrevistas em diversos canais de comunicação internacionais. Os russos visavam demonstrar sua capacidade de realizar ataques cirúrgicos e efetivos, resultando na destruição das instalações do Estado Islâmico e auxiliando o governo sírio na reconquista de territórios. Esses bombardeios foram planejados para atuar em coordenação com as tropas terrestres (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Volkenburg (2018) nos explica que os planejadores russos enxergavam os grupos rebeldes moderados como as verdadeiras ameaças ao governo de Assad, concentrando seus esforços na destruição dos mesmos, e deixando, em um primeiro momento, o combate ao Estado Islâmico e de outros grupos extremista para os EUA e seus aliados, apesar do governo russo noticiar nas mídias internacionais estar combatendo o Estado Islâmico.

Desta forma, a divulgação de uma campanha de sucesso contra o Estado Islâmico e a grupos radicais possibilitou a Rússia moldar e influenciar a opinião internacional (JONES *et al.*, 2020). Um efeito positivo dessa campanha foi a aproximação do presidente Vladimir Putin e de outros importantes atores regionais como Irã, Turquia e Arábia Saudita, confirmando o *status* da Rússia como líder regional e como potência relevante no cenário mundial (VOLKENBURG, 2018).

Embora parte da mídia internacional tenha noticiado, à época, que o engajamento russo era um misto de ações bem e malsucedidas, ao fim, pode-se observar o sucesso estratégico russo (VOLKENBURG, 2018), uma vez que seus objetivos na Síria foram alcançados, muito por conta do correto alinhamento entre as operações militares e de informações (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Diante deste cenário, entendemos que o emprego paralelo da campanha convencional e de informações, integrando ações cinéticas e informacionais, permitiram, quando necessário e conveniente aos interesses russos, justificar e legitimar seus atos frente ao sistema internacional, cooptar parceiros e potencializar as ações militares no campo de batalha.

### 3.3.3 A CAMPANHA DIPLOMÁTICA RUSSA

Em contraste com os processos democráticos, burocráticos e legais que governam os formuladores de políticas nos EUA e nas democracias ocidentais, o processo autoritário de tomada de decisão da Rússia permitiu que Moscou reagisse rapidamente às oportunidades na Síria e fundisse a diplomacia militar e política em um esforço unificado (JONES *et al.*, 2020).

Como membro permanente do CSNU, a Rússia estava em uma posição ideal para garantir sua influência sobre qualquer esforço internacional para resolver o conflito, além de fornecer cobertura diplomática para o regime de Assad e a guerra no terreno, exercendo seu poder de veto e bloqueando quaisquer medidas significativas para pressionar Assad (JONES *et al.*, 2020).

Rememorando o que foi abordado no item 3.2, Escalada da Crise e a Guerra Civil na Síria, deste capítulo, a diplomacia russa foi fundamental para impedir sanções norte-americanas à Síria em 2013, além de acordar a entrega do arsenal químico sírio à ONU (PICCOLLI *et al.*, 2016).

Ademais, a diplomacia russa, no transcorrer do processo de paz sírio e da guerra civil, buscou promover o progresso no campo de batalha e garantir os objetivos estratégicos da Rússia no conflito. Essa campanha diplomática pode ser compreendida em duas fases: a Conferência de Genebra e o Acordo de Cessação das Hostilidades em 2016; e a Conferência de Astana e a criação de Zonas Seguras em 2017 (JONES *et al.*, 2020).

As negociações internacionais para uma resolução de paz para a guerra síria, intituladas de Conferência de Genebra, começaram em 2012, envolvendo diversos países, entre eles a Rússia, sendo emitido um comunicado, em junho daquele ano, definindo os passos para uma eventual transição política na Síria. Contudo, não houve progresso significativo para um acordo de paz devido às exigências da oposição síria para que Assad

renunciasse ao poder e à recusa da Rússia em considerá-lo (JONES *et al.*, 2020).

A visita de Bashar al-Assad a Moscou no mês seguinte à intervenção russa, em 2015, evidenciava a estreita relação entre as duas nações nas articulações políticas e diplomáticas (PICCOLLI *et al.*, 2016).

No entanto, em dezembro de 2015, a Rússia e os EUA coordenaram a aprovação da Resolução 2254 do CSNU, que, formalmente, pediu um cessar-fogo para a guerra civil, reformas constitucionais e eleições monitoradas pela ONU em uma data futura (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015).

Em fevereiro de 2016, Rússia e EUA anunciaram o estabelecimento da Força-Tarefa de Cessar-fogo sob os auspícios da ONU em Genebra e um Acordo de Cessação das Hostilidades. Todavia, antes que o supracitado anúncio entrasse em vigor e, mesmo depois dele, as forças russas e do regime sírio se moveram agressivamente para obter ganhos importantes no campo de batalha, particularmente em Latakia, Aleppo e Damasco (JONES *et al.*, 2020).

Segundo Jones *et al.* (2020), os EUA e outros apoiadores da oposição ao governo sírio não desenvolveram qualquer mecanismo efetivo de aplicação contra as violações do acordo de cessação das hostilidades, permitindo aos russos e a seus aliados continuarem sua campanha militar sem repercussões significativas.

Com os EUA desempenhando um papel cada vez menor nas negociações sobre a guerra civil na Síria, Moscou buscou um novo fórum para negociações internacionais sobre o conflito e, junto com Irã e Turquia, em janeiro de 2017 em Astana, Cazaquistão, concordaram em criar um grupo de monitoramento para supervisionar a implementação da Resolução 2254. Em maio do mesmo ano, chegaram a um acordo para estabelecer quatro Zonas Seguras no oeste da Síria com o propósito de cessar-fogo (JONES *et al.*, 2020).

Por meio de uma combinação de acordos para rendição da oposição e operações terrestres agressivas, a Rússia e as forças do regime estabeleceram duas das zonas que cobriam o norte da província de Homs e o leste de Ghouta<sup>37</sup>, em meados de 2018. As outras duas zonas seriam em Idlib<sup>38</sup> e ao sul da Síria (JONES *et al.*, 2020).

Isto posto, concluímos que os esforços diplomáticos e militares russos caminharam

---

<sup>37</sup> Homs e Ghouta são cidades no oeste da Síria.

<sup>38</sup> Cidade no noroeste da Síria.

sincronizados, sendo melhor coordenados do que os esforços estadunidenses e de outros países ocidentais. A vinculação de ações táticas à diplomacia contribuiu para garantir a influência estratégica da Rússia na Síria, ao mesmo tempo em que reduziu a de rivais como os EUA.

### 3.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

A entrada oficial da Rússia no conflito sírio em 2015 deu novos rumos ao momento delicado vivido por Bashar Al-Assad, que encontrava dificuldades em conter a guerra civil e as pressões ocidentais pela mudança do regime de governo.

A construção do cenário mais favorável a Assad se deu paulatinamente, envolvendo acordos de cessar-fogo, estabelecimento de zonas seguras e a reconquista das cidades sírias tomadas pelas forças adversas.

Para isso, Moscou empregou suas forças militares baseadas no poder aéreo e em ações de operações especiais, associadas a uma campanha informacional que visava legitimar a conduta russa, além de procedimentos diplomáticos bem conduzidos. Cabe ainda destacar o emprego combinado das forças terrestres do exército sírio, das milícias pró-governo e de militares privados contratados.

Em face ao exposto neste capítulo, concluímos que a convergência dos esforços russos em um amplo espectro, como o militar, o informacional, o diplomático e o emprego combinado de outras forças aliadas durante a guerra síria, demonstraram-se bem-sucedidos em ajudar a promover os principais objetivos estratégicos de Moscou: manter Assad no poder e reafirmar gradualmente a influência do regime em toda a Síria. Além disso, a Rússia pode assinalar à comunidade internacional sua capacidade em atuar como importante ator do sistema internacional.

Assim, o próximo capítulo abordará uma comparação entre os diversos conceitos que compõe a teoria da guerra híbrida apresentados no segundo ato deste trabalho e a atuação russa na guerra da Síria, buscando confrontar teoria e realidade.

## 4 CONFRONTO TEORIA X REALIDADE

Pretendemos, nesse capítulo, examinar se a participação russa no conflito na Síria, no período compreendido entre 2012 e 2018, aderiu, de fato, aos fundamentos basilares da teoria de guerra híbrida.

Para isso, a análise desenvolvida no segundo ato desta obra abrangeu uma variedade de conceitos que contribuem para a compreensão da teoria da guerra híbrida. Vale ressaltar, no entanto, que essa abordagem não pretendeu esgotar as demais teorias existentes sobre o tema. Cabe ainda mencionar que esses conceitos foram propostos por diversos autores, tanto ocidentais quanto russos, o que proporcionou perspectivas distintas sobre o tema.

No que se refere ao capítulo subsequente, o estudo sobre o conflito sírio teve como fundamento a atuação da Rússia nos diversos aspectos relacionados a ele.

Ressaltamos que o conteúdo do presente capítulo consiste em reflexões do autor, resultantes da integração das pesquisas apresentadas nos capítulos dois e três. Nesse sentido, representa uma síntese dos conceitos estudados nas fontes que serviram como base para este trabalho, previamente citadas e referenciadas, juntamente com as conclusões parciais do pesquisador, aqui expressas em próprias palavras.

Por fim, discorreremos a seguir, separadamente, sobre as paridades da atuação russa aos conceitos estudados no capítulo 2, iniciando por uma análise do cenário do conflito.

### 4.1 UMA SÍRIA CAÓTICA

Em relação ao conflito, entendemos que ele transcorreu em um cenário de guerras modernas, onde a tecnologia da informação exerceu grande influência sobre os diversos atores envolvidos. Nesse contexto, ocorreram ações simultâneas de naturezas diversas, que não se limitavam necessariamente a operações militares, e houve uma significativa variação nos níveis de intensidade do uso da força, combinados com métodos modernos de conduzir a guerra.

Assim, o desencadeamento da guerra civil na Síria foi resultado de um processo evolutivo, iniciado por manifestações organizadas através das redes sociais para cooptar o máximo possível de adeptos, com o objetivo de desestabilizar o governo e reivindicar mudanças democráticas. Nesse caso, observamos uma conjuntura envolvendo os conceitos

estudados em guerra neocortical reversa e em guerra centrada em rede social.

Entretanto, não apenas os interesses dos residentes estavam envolvidos, mas também havia o desejo de muitos países ocidentais em promover mudanças nos regimes autocráticos. Esse movimento foi observado em diversos países do Oriente Médio e do norte da África.

Portanto, os eventos nos levam a compreender que os cinco anéis sociais dos cidadãos-alvo, como visto na teoria dos cinco anéis, foram penetrados e o cenário local é caracterizado por uma disseminação generalizada de revoluções coloridas, marcado pela desestabilização promovida externamente e por atores não vinculados aos Estados.

Ao mesmo tempo, essas mesmas evidências também caracterizam um cenário de caos administrado, onde o formato inicial da população local estava receptivo a novas ideologias democráticas e foram difundidas como um vírus, promovendo coesão entre os revolucionários e alterando a energia de conflito das pessoas, direcionando-os favoravelmente aos objetivos pretendidos pelos atores externos. Tal observação está concordante com a teoria do caos discutida por Mann (1992), vista no segundo ato desta obra.

No entanto, no caso específico da Síria, os primeiros protestos não foram suficientes para derrubar o governo e, após a repressão por parte de Bashar Al-Assad, os insurgentes progrediram para um estágio posterior, que foi a guerra civil. Portanto, todo esse cenário pode ser enquadrado dentro dos conceitos discutidos sobre as revoluções coloridas, teoria do caos e guerra não convencional.

Logo, o que compreendemos até este ponto é que os conceitos que idealizam a teoria da guerra híbrida eram empregados por diversos atores, entre eles os países ocidentais.

#### 4.2 EMPREGANDO A GUERRA POR PROCURAÇÃO

Ao voltarmos nossa atenção para a participação russa no conflito, observamos que suas ações, consoantes com os conceitos de guerra por procuração, vão além da intervenção direta no conflito. A Rússia foi capaz de influenciar no conflito através da participação de vários outros atores que contribuíram para alcançar seus objetos.

No campo político-diplomático, a Rússia conseguiu cooptar países como a Turquia e o Irã para defenderem interesses comuns frente aos países ocidentais, impondo os rumos de condução do conflito.

No militar, a Rússia empregou meios especializados em apoio as ações das forças terrestres de outros atores parceiros, com destaque para o apoio aéreo e as forças de operações especiais russas. Entre seus parceiros, além do apoio dos países aliados já citados, fez-se valer do emprego de milícias pró-governo sírio e de militares privados contratados como forças terrestres, de modo a lutarem no solo em vez de empregar os exércitos russos.

Ademais, a tentativa russa de influenciar o conflito através da disseminação de propaganda e desinformação foi um elemento adicional que contribuiu para enquadrar as ações russas nas ideias formuladoras da guerra por procuração. Esse comportamento está alinhado aos conceitos delineados por Mumford (2013).

A campanha informacional russa buscou justificar sua intervenção no conflito através do discurso de combate aos grupos terroristas que confrontavam o governo sírio, especialmente o Estado Islâmico, da mesma forma em que tentou legitimar seus ataques contra alvos civis, propagando a ideia de que visava negar recursos e apoio aos seus adversários.

#### 4.3 UMA GUERRA NÃO CONVENCIONAL E DE QUARTA GERAÇÃO

As ações russas no conflito, comentadas nos últimos parágrafos, coadunam com o abordado sobre guerra não convencional, com múltiplas interações entre partes com interesses diversos e que se valem de atividades não lineares e caóticas, atacando o inimigo de maneira indireta. Destaque para a visão de Korybko (2018) que relaciona seu conceito a qualquer forma não convencional de guerra, incluindo mercenários e outros atores desvinculados do Estado.

Cabe mencionar que os opositores do governo sírio foram classificados como rebeldes por Bashar Al-Assad, sem apresentar uma constituição formal e muito menos uma legitimidade jurídica institucional, corroborando com os conceitos de guerra não convencional abordados no segundo capítulo deste trabalho.

Além disso, a abordagem nem sempre linear e inerentemente indireta dos russos, visaram sobrepujar não só o ciclo OODA dos revoltosos locais como o Estado Islâmico, mas também o dos seus oponentes ocidentais, como o dos EUA.

No que diz respeito aos rebeldes, a Rússia lançou ataques contra infraestruturas civis

para interromper o apoio aos insurgentes e minar a vontade dos seus apoiadores em continuar contribuindo para a causa. Além disso, estabeleceu alianças com outros países, milícias e mercenários para o combate nos campos de batalha. Essas ações visaram abalar os três elementos centrais identificados na evolução da teoria dos cinco anéis para o emprego em guerra não convencional. No caso em questão, esses elementos foram a população apoiadora dos insurgentes, a infraestrutura e a base do sistema dos grupos revoltosos.

Em relação ao antagonismo velado ante os países ocidentais, a Rússia não relutou em atingir uma solução político-diplomática para a contenda e, somada a sua campanha informacional, destacou-se no concerto das nações com ações bem-sucedidas que contribuíram efetivamente para a libertação de cidades sírias, estabilizar o regime imposto por Bashar Al-Saad e confirmar sua importância frente à comunidade internacional.

A associação entre as ações russas mencionadas nos parágrafos anteriores, que mescla abordagens diretas e indiretas, está em conformidade com os conceitos discutidos sobre as guerras de quarta geração. Isso evidencia uma participação mais flexível e descentralizada por parte da Rússia, em que a distinção entre o civil e o militar é minimizada, uma vez que ambos são elementos manipuláveis no tabuleiro da guerra.

#### 4.4 EM BUSCA DA DOMINAÇÃO DO ESPECTRO TOTAL

Ao longo do capítulo 3 compreendemos que a associação entre forças convencionais, forças irregulares, ações de informação e ações políticas e diplomáticas passou a ser uma realidade para os tomadores de decisão russos na busca pela consecução de seus objetivos no conflito em questão.

Ressaltamos as ações persuasivas realizadas por Moscou nos fóruns internacionais de discussão sobre o conflito na Síria que, valendo-se de seu assento permanente no CSNU, impôs duros golpes às intenções dos demais países que desejavam resolver a contenda pela perspectiva ocidental.

Soma-se uma campanha diplomática bem-sucedida, na qual a Rússia evitou a imposição de sanções à Síria e conduziu o acordo para a entrega do arsenal químico sírio à ONU. Além disso, a Rússia desempenhou um papel de liderança na promoção de eventos como a Conferência de Genebra, o Acordo de Cessação das Hostilidades, a Conferência de

Astana e a criação de Zonas Seguras, iniciativas que contribuíram significativamente para alcançar os objetivos russos e de seus aliados no conflito.

Ao manter uma coerência estratégica entre suas ações em diferentes frentes do conflito em lide, a diplomacia russa esteve em consonância com as ações militares no campo de batalha. Essa abordagem combinou acordos para rendição da oposição com a condução de operações agressivas nos domínios terra, ar e informacional, resultando em ganhos estratégicos significativos, como a retomada de cidades previamente ocupadas por rebeldes. Essa sincronia entre esforços diplomáticos e ações militares foi fundamental para assegurar importantes avanços no conflito.

Deste modo, observamos similitude com os conceitos abordados no emprego da dominação do espectro total, uma vez que os russos atuaram em uma gama de domínios militares e de áreas que vão além da militar, buscando a preeminência em qualquer forma de conflito, a fim de garantir vantagem que sobrepujasse os adversários, tanto os revoltosos contra o governo sírio quanto os países ocidentais.

#### 4.5 PRATICANDO A GUERRA HÍBRIDA

Inicialmente, mesmo excedendo o propósito do presente trabalho, mencionamos as evidências da aderência de outros participantes à teoria da guerra híbrida, especificamente durante o conflito na Síria. Trata-se da participação indireta de atores externos, como alguns países ocidentais, promovendo um ambiente envolto a diversos conceitos estudados, entre os quais destacamos a guerra neocortical reversa, guerra centrada em rede social, revolução colorida, teoria do caos e guerra não convencional.

Já a estratégia adotada pela Rússia foi eficaz, uma vez que eles conseguiram atingir seus objetivos e enfrentar a oposição de parte da comunidade internacional, em especial a dos países ocidentais. Por meio de sua propaganda de combate a grupos terroristas e da diplomacia, Moscou obteve apoio tanto interno quanto externo.

No fim, o governo de Vladimir Putin emergiu como ator preponderante e capaz de reverter a crise na Síria, superando o isolacionismo imposto pelo ocidente e confirmando a relevância da Rússia no cenário internacional.

Em suma, entendemos que a conjunção de operações militares convencionais junto às

milícias e aos militares privados contratados, além das campanhas diplomática e informacional, por parte da Rússia, ante um inimigo de caráter subestatal, enquadra-se nos conceitos de guerra por procuração, guerra não convencional, guerras de quarta geração e dominação do espectro total.

Contudo, no caso específico da participação da Rússia no conflito sírio, em contraste com outros atores, como destacado na análise do item 4.1, não identificamos uma relação direta entre suas ações e a tentativa de estabelecer os conceitos discutidos na teoria do caos. Pelo contrário, observamos os esforços russos em buscar soluções para o caos sistêmico que assolou a Síria, resultado de uma revolução colorida somada a uma guerra não convencional que, neste caso, não foi provocada pelos russos.

Por fim, é lícito concluirmos que a atuação da Rússia em diversos espectros no conflito na Síria teve aderência a teoria da guerra híbrida. A Rússia combinou os diversos conceitos que compõem essa teoria para alcançar seus objetivos estabelecidos. E, isto posto, atingimos o propósito deste trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha da teoria de guerra híbrida deu-se em razão dos conflitos contemporâneos nos quais é possível abranger uma ampla variedade de frentes de combate, não restritas apenas ao âmbito militar. Nesses conflitos, múltiplos atores podem ameaçar a soberania de um Estado por meio de ações diretas e indiretas, visando geralmente à busca por uma mudança no regime governamental.

Ao expormos os Fundamentos Teóricos, dentre os conceitos essenciais para a compreensão da guerra híbrida, iniciamos pela ideia de guerra de quarta geração, na qual um adversário busca empregar todas as formas de pressão disponíveis para convencer o tomador de decisões adversário de que seus objetivos não serão alcançados ou que os custos para os alcançar serão excessivamente elevados. Seu objetivo é colapsar o inimigo internamente, em vez de destruí-lo fisicamente.

Abordamos, a seguir, a teoria dos cinco anéis desenvolvida pelo Coronel John Warden, que transcendeu sua aplicação no campo tradicional de conflitos e passou a ser amplamente adotada pelos defensores de abordagens não convencionais.

Sobre a guerra não convencional, observamos a visão norte-americana de atividades empregadas por uma força não regular visando derrubar um governo. Dissertamos, ainda, sobre a expansão deste conceito proposto por Korybko, autor russo, abrangendo ações de guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo, sendo empregadas tanto por forças regulares quanto por mercenários e outros atores desvinculados do Estado.

Estudamos, ainda, os conceitos de revolução colorida, guerra neocortical reversa e guerra centrada em rede social, observando o valor do advento das redes sociais para a cooptação de simpatizantes e divulgação de informações para inflamar as revoltas populares contra governos-alvos.

Tratamos, na sequência, sobre os conceitos da teoria do caos e da dominação do espectro total. O primeiro objetiva desestabilizar o sistema social do Estado-alvo por meio de uma série de ações progressivamente mais agressivas, buscando aumentar o caos até a queda do governo. Enquanto o segundo, visa garantir a vantagem sobre o oponente, tanto em tempos de paz quanto de guerra, em todas as áreas de atuação.

A seguir, abordamos a expansão do conceito de guerra por procuração ao indicar que

atores externos aproveitam conflitos preexistentes para fomentarem esses conflitos.

Ao nos debruçarmos sobre os fundamentos teóricos da guerra híbrida, não fomos conduzidos a um conceito formal, mas sim a um uma teoria composta por diversos outros conceitos. Cabe ainda ressaltar que os autores analisados neste estudo não possuem uma abordagem homogênea em relação ao seu emprego, especialmente considerando as diferenças ideológicas entre eles.

No capítulo subsequente, observamos a participação russa na guerra da Síria, em um corte temporal entre 2012 e 2018, sob a ótica das ideias da teoria da guerra híbrida.

Iniciamos com uma contextualização histórica que desempenhou um papel crucial na compreensão da formação dos laços e interesses entre russos e sírios. Em suma, o resultado dessa interação para a Rússia foi a permissão para posicionar meios e estabelecer bases militares no território geoestratégico da Síria, adquirindo a capacidade de se contrapor, se necessário, às ameaças ocidentais. No que diz respeito aos interesses sírios, a Rússia se tornou um importante parceiro comercial, político e militar.

Em seguida, analisamos que a escalada da crise iniciou com a disseminação e influência das ideias democráticas da Primavera Árabe por meio das redes sociais, o que resultou, no caso da Síria, em uma guerra civil. Compreendemos que a posição da Rússia frente aos acontecimentos na Síria foi a de preservar sua influência na região e evitar uma mudança no regime governamental de Bashar Al-Assad, o que poderia ocidentalizar seu entorno estratégico.

Da participação russa no conflito, que iniciou oficialmente em 2015, priorizamos três de suas campanhas: a militar, a informacional e a diplomática.

Quanto a primeira, destacamos o emprego russo de meios aéreos e de forças especiais em apoio as operações terrestres que contaram com tropas de parceiros como o exército sírio, milícias e mercenários.

Na campanha informacional, observamos os esforços russos em justificar sua entrada no conflito e, principalmente, legitimar suas ações ao longo dele. Isso se deve, em grande parte, aos ataques direcionados às infraestruturas civis que eram utilizadas como apoio pelos insurgentes.

Por fim, a campanha diplomática russa caminhou uníssona as demais campanhas, beneficiando os avanços militares. Cabe destaque para os esforços bem-sucedidos por parte

de Moscou, valendo-se de seu assento no CSNU, em ações de vetos as tentativas de sanções à Síria e de desestabilização do governo de Assad, além de liderar o estabelecimento de acordos de cessar-fogo e zonas seguras.

Concluimos o capítulo, portanto, compreendendo que a Rússia participou em múltiplos campos do conflito, de forma direta e indireta, para alcançar seus objetivos, agindo como um ator global de relevância significativa.

Confrontando os fundamentos teóricos e a participação russa no conflito sírio, o quarto capítulo buscou enquadrar as ações russas aos conceitos formadores da teoria de guerra híbrida.

Para isso, atentamos, inicialmente, para o cenário caótico da Síria em 2015, um quadro de guerra neocortical reversa, guerra centrada em rede social, revoluções coloridas, teoria do caos e guerra não convencional orquestrado por diversos atores, entre eles os ocidentais. Elucidamos, assim, o questionamento complementar, citado na introdução, essencial ao propósito, do presente trabalho, de responder que o conflito na Síria fez parte de um cenário envolto às ações de guerra híbrida por parte de mais atores externos além da Rússia.

Ato contínuo, com base nos comparativos realizados, observamos que a Rússia aplicou os conceitos estudados sobre guerra por procuração, guerra não convencional, guerra de quarta geração e dominação do espectro total, exceto o da teoria do caos, uma vez que a própria Rússia colaborava no combate ao caos sistêmico presente na Síria.

Em face do exposto, respondemos à questão central deste trabalho ao concluirmos que a Rússia aderiu à teoria da guerra híbrida por conta de sua participação no conflito sírio, sendo, assim, a escolha por esta contenda mostrou-se adequada.

A teoria da guerra híbrida, afinal, é aderente a outros conflitos? A análise de mais eventos, assim como a atuação de outros atores, poderá complementar os resultados obtidos, razão pela qual sugerimos, como possibilidade de pesquisa futura, investigar se a conduta de países ocidentais nas contendas do Iraque, Afeganistão e Ucrânia tiveram aderência com os conceitos da teoria de guerra híbrida.

Enfim, destacamos que a classificação da participação externa como guerra híbrida não é simples, exige atenção aos detalhes e uma análise minuciosa, embasada em preceitos teóricos.

Portanto, no âmbito militar, mais especificamente na Marinha do Brasil e no Corpo de

Fuzileiros Navais, recomendamos a consolidação de linhas de pesquisa, com ênfase nesse tema, e sua difusão nos Centros de Desenvolvimento Doutrinários e nos Centros de Instrução, a fim de ampliar a consciência sobre uma possível ação estrangeira no Brasil.

Em suma, contribuir para aprimorar o preparo dos militares para que possam identificar possíveis ações de guerra híbrida sendo empregadas em confronto a soberania de nosso país, com o objetivo de estarem prontos a contraporem-se a possíveis ameaças futuras em ambientes cada vez mais complexos e difusos.

## REFERÊNCIAS

- ARHAYEV, E.; KATMAN, F. **Historical Background and the Present State of the Russian-Syrian Relations**. European Researcher, 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/235347789\\_Historical\\_Background\\_and\\_the\\_Present\\_State\\_of\\_the\\_Russian-Syrian\\_Relations](https://www.researchgate.net/publication/235347789_Historical_Background_and_the_Present_State_of_the_Russian-Syrian_Relations)>. Acesso em: 12 mai. 2023.
- AFSARUDDIN, Asma. **Jihad**. Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/jihad>>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- BARTLES, Charles K. **Para entender Gerasimov**. Military Review, 2016. Disponível em: <[https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/militaryreview/Archives/Portuguese/MilitaryReview\\_20160430\\_art010POR.pdf](https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/militaryreview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160430_art010POR.pdf)>. Acesso em: 5 mai. 2023.
- BALL, Joshua. **What is Hybrid Warfare?**. Global Security Review, 2019. Disponível em: <<https://globalsecurityreview.com/hybrid-and-non-linear-warfare-systematically-erases-the-divide-between-war-peace/>>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. PEM-2040: **Plano Estratégico da Marinha**. Brasília, DF, 2020a. 90 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. MD30-M-01: **Doutrina de Operações Conjuntas**. Brasília, DF, 2. ed. v. I, 2020b, 241 p.
- CASTELLS, Manuel. **The information age: economy, society and culture**. Oxford: Blackwell, 1996.
- CEBROWSKI, Arthur; GARSTKA, John. **Network-Centric Warfare: It's origins and future**. 1998. Disponível em: <<https://www.usni.org/magazines/proceedings/1998/january/network-centric-warfare-its-origin-and-future>>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de Estratégia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 776 p.
- DEUTSCH, Karl W. External Involvement in Internal War. In: ECKSTEIN, Harry. (Ed.), **Internal War: Problems and Approaches**. Nova York: Free Press of Glencoe, 1964. p. 100 – 110.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Modus Operandi**, 2023a. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/modus-operandi/>>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Software**, 2023b. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/software/>>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Joint Chiefs of Staff. **Joint Vision 2020**. Washington: US Government Printing Office, 2000. 40 p.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Joint Chiefs of Staff. **Unconventional Warfare**. Washington: US Government Printing Office, 2015. 287 p.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Joint Chiefs of Staff. **Unconventional Warfare Pocket Guide**. Washington: US Government Printing Office, 2016. 40 p.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Alauítas**, 2023a. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Alawite>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Companhia Militar Privada**, 2023b. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/private-military-firm>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Hezbollah**, 2023c. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Hezbollah>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Mercenário**, 2023d. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/mercenary>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FADOK, David S. **John Boyd and John Warden Air Power's Quest for Strategic Paralysis**. 55 f Dissertação - USAF School of Advanced Airpower Studies, Air University Press Maxwell Air Force Base, Alabama, 1995.

FREIRE, Maria R.; **A política externa russa e a Primavera Árabe: ambivalência num contexto em mudança**. Universidade Estadual de Campinas: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2023. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252012000400016](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000400016)>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique; AGUILAR, Sergio L. C. **A guerra civil síria, o Oriente Médio e o sistema internacional**. Marília: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Série Conflitos Internacionais, v. 1, n. 6, 2014.

HART, B. H. Liddell. **The Strategy of Indirect Approach**. Internet Archive, 1954. Disponível em: [https://archive.org/stream/strategyofindire-035126mbp/strategyofindire035126mbp\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/strategyofindire-035126mbp/strategyofindire035126mbp_djvu.txt). Acesso em: 15 mai. 2023.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. 72 p. Disponível em: <[https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac\\_hybridwar\\_0108](https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf)>.pdf. Acesso em: 7 abr. 2023.

JONES, Seth G *et al.* **Moscow's war in Syria: a report of the CSIS Transnational Threats Project**. Washington, D.C.: Center for Strategic International Studies, 2020. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/moscows-war-syria>>. Acesso em: 17 mai. 2023.

KAGAN, Donald. **On the origins of war and the Preservation of peace**. New York: The Anchor Books, 1996. 606 p.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das Revoluções Colorida aos Golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 173 p.

LIND, William S. *et al.* **The changing face of war: into the fourth generation**. Marine Corps Gazette, v. 73, n. 10, p. 22-26, 1989. Disponível em: <<https://indianstrategicknowledgeonline.com/web/THE%20CHANGING%20FACE%20OF%20WAR%20INTO%20THE%204Th%20GENRATION.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

LUCENA, Gleydson Gonzaga de. **A geopolítica da Guerra Cível Síria e suas implicações para o Brasil**. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31598>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

MANN, Steven R. **Chaos Theory and Strategic Thought**. Parameters, 1992. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA528321.pdf>>. Acesso em: 1 mai. 2023.

NEMETH, William J. **Future war and Chechnya: a case for hybrid warfare**. Naval Postgraduate School, Monterey, CA, 2002. Disponível em: <<https://calhoun.nps.edu/handle/10945/5865>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

MINGST, Karen A.; ARREGUÍN-TOFT, Ivan M. **Princípios de relações internacionais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 590 p.

MUMFORD, Andrew. **Proxy Warfare**. Cambridge: Polity Press, 2013. 141 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança. **Resolução 2254 (2015)**. Nova Iorque, 2015. Disponível em: <[https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s\\_res\\_2254.pdf](https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_res_2254.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2023.

PICCOLLI, Larlecianni *et al.* **A guerra híbrida e o papel da Rússia no conflito Sírio**. Revista Brasileira de Assuntos de Defesa, Brasília, DF, v. 3, n. 1. jan./jun., 2016. Disponível em: <<https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/63960>>. Acesso em: 11 mai. 2023.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/The-Fourth-Industrial-Revolution-2119734>>. Acesso: em 6 ago. 2023.

SZAFRANSKI, Richard. **Neocortical Warfare? The acme of skill**. RAND Corporation, 1994. Disponível em: <[https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph\\_reports/MR880/RAND\\_MR880.pdf](https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/MR880/RAND_MR880.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VISACRO, Alessandro. **A guerra na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2018. 179 p.

VOLKENBURG, Clayton A. Van. **Russian hybridwarfare in Syria: airforce, private military**

contractors and dis-information. Toronto: Canadian Forces College, 2018. Disponível em: <<https://www.cfc.forces.gc.ca/259/290/402/305/vanvolkenburg.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

WARDEN, John A. **The Air Campaign** – Planning for Combat. National Defense University Press, Washington, DC, 1988. 172 p.

## ANEXOS

## ANEXO A

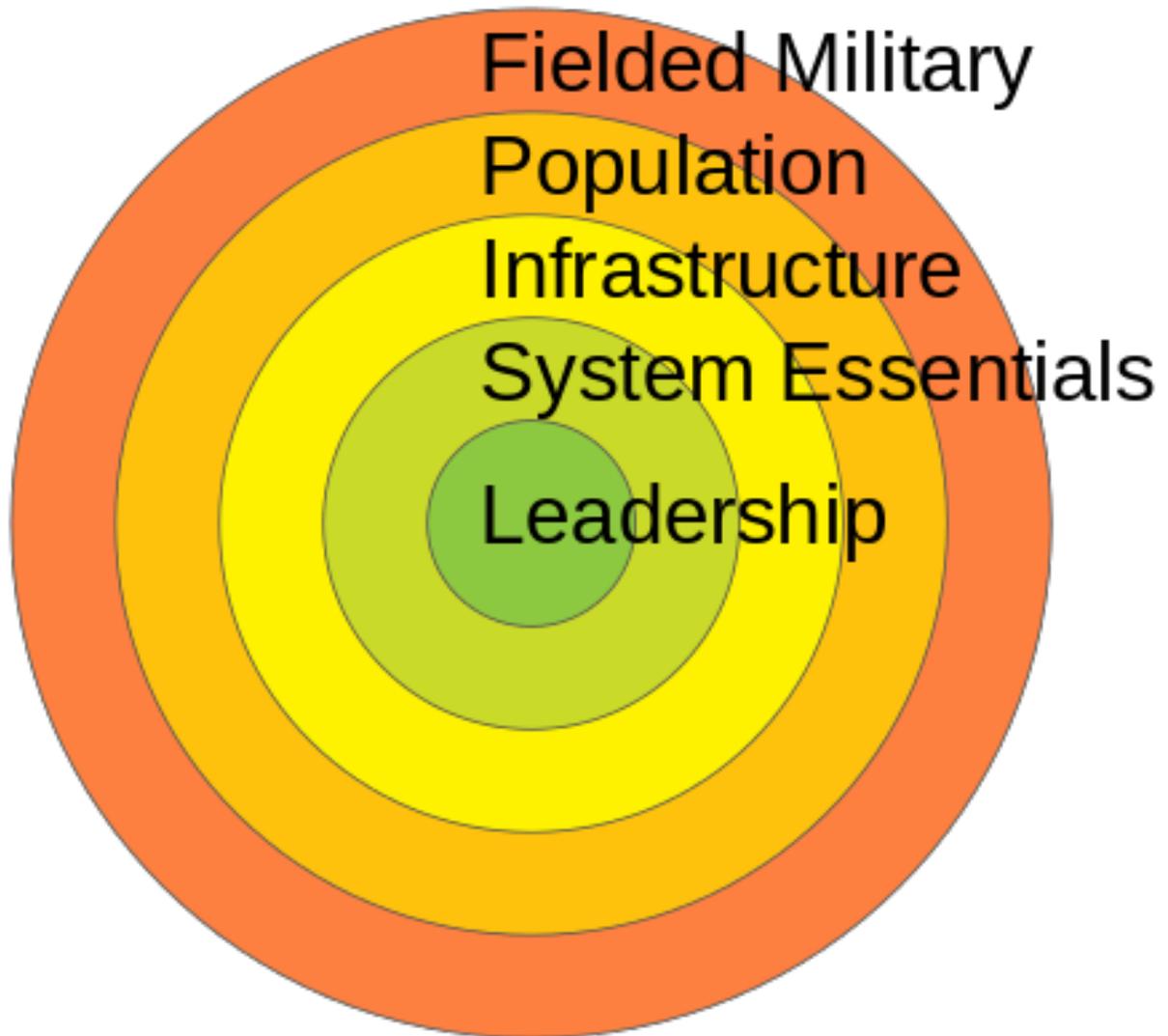


FIGURA 1 – Os Cinco Anéis de Warden.

Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Warden%27s\\_Five\\_Rings#mediaviewer](https://en.wikipedia.org/wiki/Warden%27s_Five_Rings#mediaviewer).

Acesso em: 29 jul. 2023.

## ANEXO B

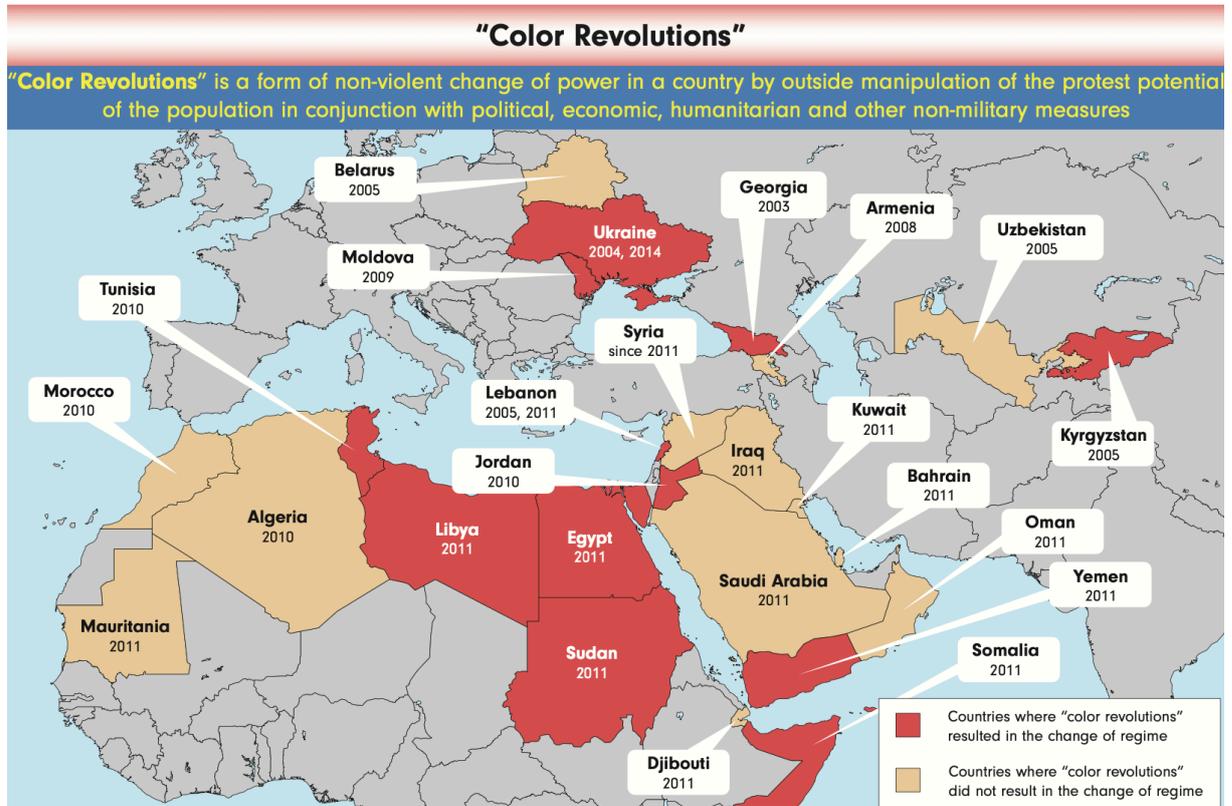


FIGURA 2 – Revoluções Coloridas.

Fonte: JONES *et al.*, 2020, p. 12.

ANEXO C



FIGURA 3 – Base Aérea de Hmeimim.  
Fonte: JONES *et al.*, 2020, p. 25.



FIGURA 4 – Base Aérea de Hmeimim, foto ampliada.  
Fonte: JONES *et al.*, 2020, p. 25.

ANEXO D



FIGURA 5 – Porto de Tartus.  
Fonte: JONES *et al.*, 2020, p. 15.

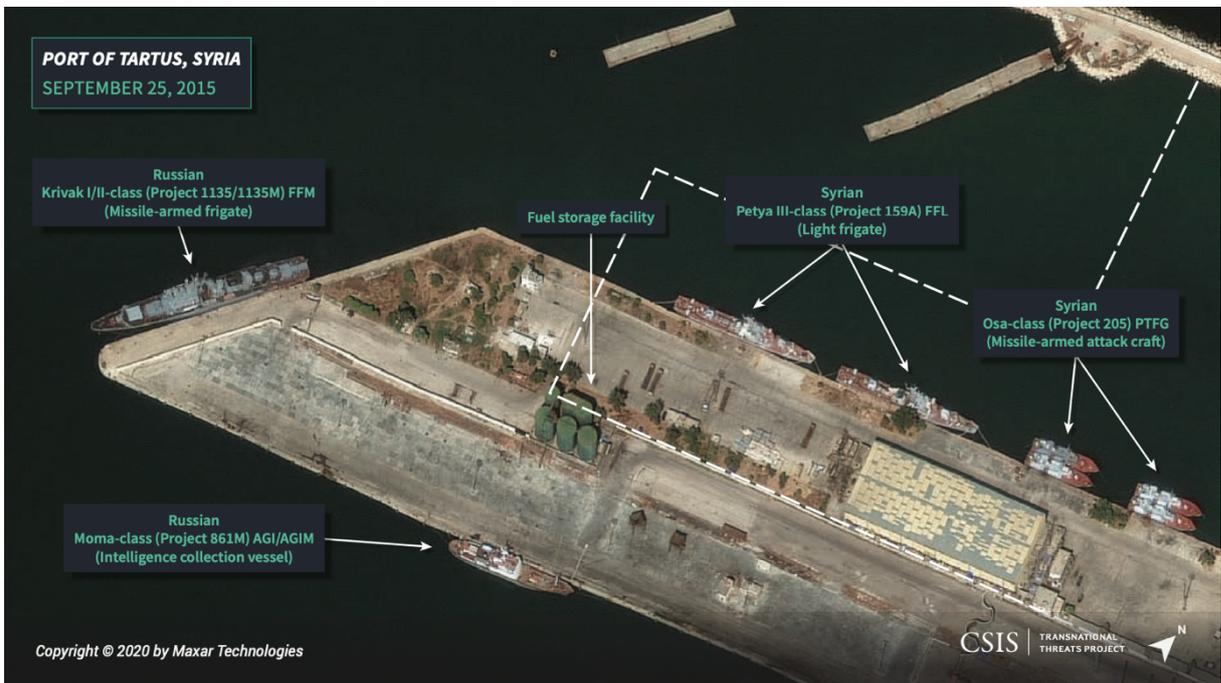


FIGURA 6 – Base Naval no Porto de Tartus.  
Fonte: JONES *et al.*, 2020, p. 15.